



0

ALABAMA



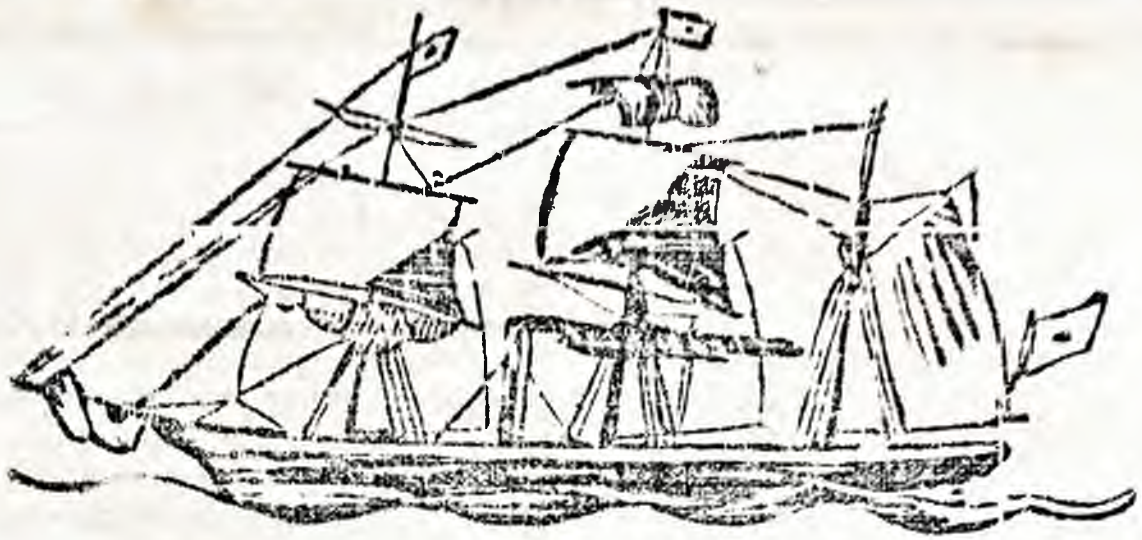
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 38

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

3 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 571.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
2 de novembro de 1869.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, expondo-lhe o estado de completo desmoronamento em que se acha, abandonada em um mandiocal, a capella da Conceição Velha, na Feira da Conceição, e pedindo-lhe que, em acatamento á decencia do culto divino, mande retirar as Sagradas Imagens de tão improprio e despresivel logar, que mais se assemelha a um pardieiro immundo do que a um templo consagrado á Rainha do Universo. O que espera-se.

—Ao Hlm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, pedindo-lhe que lance suas vistas para um grupo de meninos-moleques que se ajuntam todos os dias, no largo da Cruz do Paschoal, á jogarem pião, acompanhando essa jogatina um ehuveiro de palavras obscenas que proferem, sem o menor respeito á moral publica, sobresahindo entre elles um de nome Antonio, de idade de 15 annos mais ou menos. Em vista do que acima fica dito, espera-se que S. S. dê providencias, que façam cessar esse ultraje ao decoro das familias que por ali moram.

—E' isto que se chama um paiz livre?!
Uma terra onde se surra gente livre!

—Entretanto quer levar a civilização e a liberdade ao Paraguay!

—Irrisão insolente!

Um paiz onde qualquer está exposto á sanha brutal de qualquer malvado arvorado em authoridade!

—Por fallar nisso escute:

Um Sr. Horacio Ribeiro Soares, delegado de policia, em Juremenha, no Piauby, mandou agarrar Manuel Moreira Gomes, homem livre, calmar-lhe 500 agoites, e não ficando satisfeito, para mais saciar sea genio, elle proprio retalhou-lhe as nadegas a navalha!

—Que hyena!

—O pobre homem, depois do martyrio tornou-se idiota: a qualquer cousa que lhe perguntem, responde « não sei »

O chefe de policia, passados 70 dias, mandou buscar a victima e sujeitou-a a um exame de sanidade, em sua presença; sendo pelos peritos, Drs. Co instantino Moura e Simplicio de Souza, encontrados evidentes vestigios do crime nas visiveis sevicias e até ulceras resultantes da sevicias.

—E' elaro que o monstro não ficou *ensosso*?

—Foi punido com a demissão do logar.

—Muito bem! Isso é que se chama desafrontar a lei!

—A officina photographica do Sr. Sorensen acaba de tirar o retrato da infeliz victima do energumeno Horacio Ribeiro Soares e expol-o ao publico.

—Capitão, chegamos a uma epocha de aper-

feição tal, que a acção da justiça torna-se dispensavel por inutil.

—V. falla serio ou graceja?

—Eu entendo que o melhor systema de arranjar as cousas, é cada um applical-a por suas mãos.

—Que theoria absurda!

—Dá minlia opinião é o Sr. Leocadio José de Britto.

—Não metta o nome do homem em semelhante disparate.

—Da licença que eu prove?

—Falle.

O Sr. Leocadio José de Britto alugou a loja de uma sua propriedade, ao becco do Motta, a uma mulher, que pelo geito não era lá muito pontual nos pagamentos.

—Porém deu fiador?

—Deu.

—Então estava garantida.

—Ora o que fez o Sr. Leocadio? Na sexta-feira, em occasião que a locataria não estava, chamou por um carpina e mandou pregar-lhe as portas; de sorte que, voltando ella á noite, achou-se esbarrada e teve de dormir ao relento fazendo da rua cama e das nuvens cobertor.

Então é meio mais abreviado do que recorrer a justiça ou não?

—Rapaz; apesar do conceito que V. me merece, eu acho duro que o homem praticasse tal, sabendo que na terra lia quem nos governa, mormente sendo isso uma crueldade, e ser elle tido por decidido protector de orphans e donzellas.

—Mas a mulher não é orphan nem donzella, nem tem filhas moças.

—Com tudo..

—Além de queda couce!

Por quebra de tanta calamidade por que passamos, vem um pavoroso incendio reduzir á cinzas dous importantes predios commerciaes, causando ao ja tão decadente commercio desta praça gravissimos embarços.

—Os quaes vão todos reverter sobre o povo.

—Pasma que em uma provincia desta ordem olhem com tão pouco caso para um objecto de tanto gravidade como são os incendios!

—Na hora do parto é que chamam a parteira.

—A falta de promptas e acertadas providencias tem sido causa de incalculaveis prejuizos!

—Do que serve comparecerem as bombas, si una hora depois estão inactivas por falta d'agoa?

—E si as proprias bombas são umas feitas bombas?

—Sem medo de errar pode se affirmar que na Bahia o incendio que não for visto na occasião em que com qualquer balde d'agoa possa ser dominado, tambem depois é impossivel: o predio ha de ser reduzido a cinzas.

Não ha exemplo nesta terra de um incendio em que a acção do elemento destruidor fosse paralyzada em meio, pelos recursos empregados

—É como, si não ha ordem, si não ha regularidade por falta de meios?

Nos incendios o que ha é muitos a mandar e ninguem a entender; desordens, confusão e muito roubo.

—Neste de domingo, os proprios sentinelas escondiam objectos por todas os logares.

—E houve tanta anarchia que até ouvi dizer que o chefe de policia teve um bate-barba com o Sr. Silva Reis.

—No sabbado á noite, la para Agoas de Meninos, dous socios de uma venda jogaram as cristas sabindo um delles ferido com uma compassada.

O motivo da perlanga foi ter um dos socios desapprovado a compra que fez o outro de um *grilo*.

—Isto é porque o dno descobriu a *massada*.

—Até a data parece que a policia não tem conhecimento do facto.

—Foi a Cotegipe?

—Quando, domingo?

—Está bem visto..

—Fui.

—Então dê-me novas.

—O passeio foi bom, a não contar com algumas desaguisados na volta pela *exallação* dos spiritos;

—Isso é inevitavel.

—Certa gente em todo o logar gosta de mostrar o que é. Si não fossem as boas maneiras do Sr. Bloen, teriamos talvez de lamentar scenas desagradaveis.

Houveram imprudentes que queriam vir do lado-de fora, expondo assim suas proprias vidas.

Otros entenderam invadir os trens destinados ás familias e irem ali *sambando* e praticando desenvolturas. A um mais pertinaz ouvi dizer no meio das senhoras—*«eu cá não respeito brancas, só adopto minhas negras.»*

—Delicadeza garotal.

—Sobre-sahiu na desenvoltura um individuo cujo semblante nada tem de *peregrino*. O encarregado da meza parece que por providencia tratou della 15 dias antes. Entre

outras peças havia um celebre carneiro assado, que, atirando-se aos urubús, não se fazia nada de mais.

—Que mais?

—Um incendio que ponde atalhar-se em tempo, proveniente de uma ponta de charuto atirada por um gracioso n'uma casca de bagayo.

—Nesses logares deve haver sempre uma força respeitavel para manter a boa ordem.

—Deixemos isso de parte, quero lhe contar o episodio mais burlesco da viagem, ao menos que eu presenciasse.

—Estou attento.

—Na volta, entrei em um wagon de segunda classe, onde achava-se o Sr. Gouveia com sua familia e, ao pé desta, uma mulher, de côr parda, bem trajada. Pouco depois, acompanhada por um homem, chegou certa dama, com ares de sultana, a qual teve repugnancia de assentar-se no carro em que ia uma mulher parda e encarando-a desdenhosamente ordenou-lhe que fosse para outro logar:

—Que descoco!

—Estabelleceu-se o seguinte dialogo entre a parda e a branca:

«—Vá para outro logar, que quero me sentar.

«—Mas onde hei de ir?

«—Não se assunta? Não vê sua qualidade?

«—Minha senhora, eu paguei dous mil reis pela passagem, tanto como a senhora e vou ao pé desta familia que me faz o favor.

«—Negra! atrevida! Reconhece teu logar.

«—Nasci forra; na sua cosinha não tem da minha eguala

«—E' muito mau não haver separações. Ir uma senhora branca envolvida no meio destas desavergonhadas negras! E sujeita a ouvir desaforos.»

A cousa ia adiante, si algumas pessoas não aconselhassem a rapariga a tomar outro assento.

—Que sem razão!

—Sr., só visto; foi um desfructe completo; um debique para os passageiros, que em geral olhavam com esearneo para tão desmarcado orgulho.

—Ter desprezo de assentar-se ao pé de uma mulher por ser parda!

—O que se quer nos logares publicos, é moralidade, honestidade; dado isso, os direitos são eguaes.

—V. pcurrou saber quem era ella?

—Disseram-me que era um senhora que tinha irmãos em *Geremoabo*, mas que ella residia actualmente nas *Umburanas*.

—Quanto fofee!

—Vem a morte e vac tudo para debaixo da terra..

—E depois vão lá conhecer qual foi o branco, o azul, o preto.

—Fogo! lá tocam os sinos!

Em duas casas pegou!

—Vossê de que se admira,
Si o Martins já chegou?

—O Sr. Theotônio de Souza Mendes, vice-presidente do Piauby, é um homem desabastado!

—Como assim?

—O homem teve o displante de apresentar-se n'um baile que lhe offereceu o capitão de policia João Seraphim da Silva, na noite de 24 de setembro, 35º anniversario da morte de Pedro 1º, dia que, sabe-se o Brasil põe as armas em funeral.

—Na verdade, foi um *sacrilegio* imperdoavel. Um aulico não guardar a memoria do pae de seu amo!

—Descalcaram a ladeira de Nazareth.

—E as pedras costumam sahir á noite para dar seu giro.

—Mas o peor é que não voltam para seus logares.

—Entendem que as traquinadas dos meninos são bagatella.

—E as cabeças quebradas, pernas deslocadas, olhos vasados, provam constantemente o contrario:

—Como na sexta feira, em que uma recua delles largaram a eschola, foram nadar na Preguiça e la se ficou um no fundo.

—E assim mesmo, uma desgraça desta não ha de despertar o deleixo dos paes a indulencia da policia!

Á PEDIDO

O MINISTERIO VERMELHO.

Ja se viu um ministerio,

Como este, *conservador*?...

Que personagens que o formam!

Que figuras de primor!

Não é mister que de todos

Aqui se faça menção;

Mas delles quatro merecem

Mui particular attenção.

Vae primeiro D. Erasmo,

O publicista do rei,

O ministro de Lusbella,

O sacerdote da grei.

Romancista e litterato

Da tribu de guarany,

Veio unir-se mui contente

Ao velho Itaborahy.

Depois do ter defendido
Direitos da *magestade*,
A escravidão preconisa
Em affronta á liberdade.
Ja foi liberal do polpa,
Agora se diz *vermelho*;
Mas, que monta? eil-o mettido
Do grande rei no conselho.

Tem provado que não presta
Para tão alta missão;
Si em lettras val, no direito
E' fôfo parlapatão.

Tem geito para ministro
Por que é palaciano;
Nem mais se exige na côrte
Do Cezar americano.

O D. Antão do fomento
Que liberal foi outr'ora,
De sua pasta os negocios
Cada vez mais empeiora.
Negativa intelligencia
Possue, ninguém lhe contesta;
Mas p'ra os seus proprios arranjos
Vae mostrando quanto presta.

Tem faro d'agricultura,
Parece bem um roceiro;
Com taes quilates ahí temos
Um ministro brasileiro.
O moço do imperio é nobre,
Tem heraldicos brasões;
—Ninguém lhe bula na farda,
Em seus doirados galões.—
Quer dar quinau nos mais velhos,
Quer primar entre os irmãos;
Julga-se o mais respeitavel
D'entre os socios cortezãos.

Outr'ora o papel moeda
Combatia, furioso;
Hoje o aceita sem receio
Com semblante gracioso.

Que boa gente que vela
A' proa da nau do Estado!
Que sublime gabinetel
Que ministerio elevado!
Quando fallo dos farçantes
Desta nova baccanhal,
Exceptuo o Cotegipe
Que tem merito real.

O bom do patrão velhusco,
O patrão-mor da fazenda,
E' certamente um predigio,
Um ministro de encommenda!
Ha muito que se apregoa
O grande Itaborahy,
Nas lingoas vivas, nas mortas,
E até na lingua de tupy.

De financeiro eminente
Tinha immensa nomeada;
Mas toda sua sabença
E' perfeita patacoada.

E a prova está nos seus feitos...
Que miseria no paiz!
Como vae tudo á matroca!
Pobre nação infeliz!
Com taes ministros, guiados
Por tão sabio *palinuro*,
Quem pode prever accaso
Qual seja o nosso futuro?!

VARIEDADES

AO SR. MINISTRO DO IMPERIO.

Os senhores da *conserva*,
São valentes *monarchistas*,
E os homens da liberdade
Verdadeiros *anarchistas*!
Querem reformas! que asneira!
Pois a nação brasileira
Precisa de alguma cousa
Tendo no seu ministerio
Um homem grave e tão serio
Como o Paulino de Souza?

AO DA JUSTIÇA.

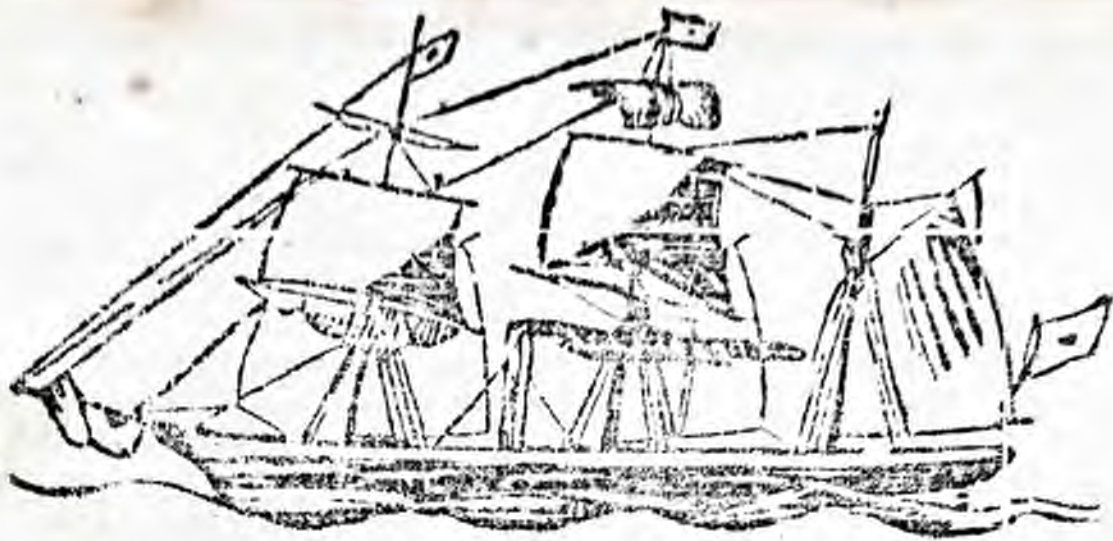
O ministro romancista,
Outr'ora tão liberal,
Hoje mudou de politica,
Teve razão, não fez mal;
Eu não maldigo o seu nome;
Coitado! elle tinha fome
Quando romances fazia;
Guarany e Viuvinha
Não *compram* carne e farinha
P'ra se comer todo dia.

Dizia o chefe de policia a um mendigo fi-
lado na vespera;
—Então não tem domicilio certo?
—Tenho, Exm. Durmo sempre no mesmo
degrau da igreja da Candelaria.

ANNUNCIOS

Fugiu da casa do Sr. José Antonio Pitanga, morador ao Mar-Grande, sua escrava Maria, africana, levando vestida camisa de algodãozinho, e saia de *yay de ouro*; tem a falta de um dente e uma veia rota. Consta que se acha nesta cidade, quem a pegar e levar ao Sr. capitão Jacintho Muniz Barretto ou ao Mar-Grande a seu senhor, será generosamente gratificado.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Misericordia, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 38

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

6 DE NOVEMBRO DE 1869.

Ns. 572 e 573.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
5 de novembro de 1869.

Portaria ao Sr. administrador do hospital dos Lazaros, para que informe si pertence a esse hospital, como asseveram, um individuo atacado de elephantiasis, o qual tem sido encontrado na rua da Valla, alem do arco, fazendo compras, e dirigindo-se depois pelo caminho que vae ter ao hospital; pelo que, no caso de assim ser, deve ter S. m. por muito recommendado não consentir que semelhante abuso vá adiante. Cumpra.

—Ao fiscal da freguezia de Santo Antonio, ordenando-lhe que se dirija á casa de certa fateira, á Cruz do Paschoal, e examine o estado de imundicie em que se acha o cano da mencionada casa, o qual desagua na rua, o que muito encommoda os moradores d'aquella localidade, privando-os até de chegar ás janellas, em vista do pestilento cheiro que exhala o referido cano, e pespegue-lhe depois do exame a competente multa. Cumpra.

—Chegou o vapor do sul.

Vamos dar em resumo um extracto do que ha mais importante.

«Desde o pharol da Barra até o Rio de Janeiro, as localidades continuam a conservar a

mesma posição no mappa do Brazil, isto é, continuam a estar ao sul da Bahia.

«Os negocios politicos caminham sem novidade, havendo entretanto as seguintes importantes noticias, que vão, sem duvida, surpreender o leitor:

«A camara dos deputados, na opinião geral, continua a ser considerada temporaria e o senado vitalicio.

«D. Pedro II, continúa no throno, e, a vista disto, é ainda nossa imperatriz a Sra. D. Thereza Christina.

«S. M. o imperador continua *felizmente no uso de suas faculdades intellectuaes*.

«Tem visitado, segundo o seu *lauravel e patriotico costume*, os arsenaes e hospitaes.

«Almoça e janta com bastante disposição para honra e gloria deste imperio.

«O conde d'Eu, está na guerra, e o duque de Saxe, em viagem; embora desta noticia se possa concluir que a princeza Leopoldina passeia pela Europa, não se conclua tambem que a princeza imperial está no Paraguay. Não, S. A. está em S. Christovam e dos jornaes não consta que soffra encommodo algum.

«Continuam no poder os mesmos ministros, de que tivemos noticias pelo vapor passado, pelo que, pode-se dizer, não cahiu ainda o ministerio de 15 de julho.

«Ficou definitivamente considerado o dia em que encerraram-se as camaras, que tinha findado a primeira sessão da presente legislatura.

«Era questão resolvida que o incessante apoio que o actual gabinete recebeu na camara dos deputados, com grande contentamento dos conservadores e decidida tristeza dos progressistas, historicos e mais familia opposicionista, foi devido á unanimidade da mesma camara; ao menos não se poudo assignalar outra causa.

«Tambem reconheren-se pela forte opposição que houve no senado, que naquella casa havia divergencia de ideias.

«Os pasteleiros da rua do Ouvidor mostravam-se possuidos de saudades pelos nossos dignissimos, por causa dos gastos que estes lhes faziam nas empadas; si bem que outros nutrissem mais saudades por alguns cobrinhos que com os ditos seguiram para as provincias.

—As noticias da guerra são as que se seguem:

«O Brazil continua em guerra com o Paraguay.

«Espera-se por um combate decisivo; por consequencia, ha de gastar-se alguma pólvora e morrer alguma gente.

«Si nossos soldados passaram fome alguns dias, é signal evidente que não tiveram o que comer.

«Semelhante crise alimenticia, toda independente da *boa vontade* dos nossos fornecedores, cessou, como era de prever, logo que appareceu com que encher a barriga.

«O Sr. conselheiro Paranhos, para alliviar um pouco o pesado e gravoso encargo com que lutavam os fornecedores, arrecadou (por bom dinheiro, ja se sabe) toda a sardinha de Nantes que havia em Assumpção, e mandou-a para os soldados, reconhecendo-se por tal occasião serem ellas o mais nutriente e economico alimento para um exercito em marchas fatigantes; por não ser preciso comer muito em vista da sê-le que provoca, e os nossos soldados acharem onde fartar a barriga d'agoa nos immensos charcos e pantanos que banham o Paraguay.

«Diz se que o governo não tendo o que fazer com um restante de dinheiro que existia nos cofres; emprestou 700:000\$ ao governo paraguayo, como recompensa dos sacrificios que por nós tem elle feito.

«Dizem pela imprensa, na tribuna, por toda a parte, enfim, que, logo que se acabe a guerra, a guerra está acabada.»

—Nada mais, a excepção de outras novidades.

—Ora deixe-me, não ouvi missa no dia de finados!

—Por que não quiz, ou então não passa de um herege.

—Não; foi á missa na igreja d'Agua com minha familia; lá já haviam muitas familias á espera, e tudo ficou d'agoa no bico!

—Mas como, não houve missa?

—O capellão mandou dizer, depois de se tornar esperado muito tempo, que ia celebrar uma missa para o chefe de policia que lhe tinha mandado pedir n'aquelle momento, por isso deixava de ir celebrar e podiam fechar a igreja!

—Manda quem pode!

Em primeiro logar está o chefe de policia!

—Ante hontem, ás 9 horas e meia d'noite, estava na Recreativa o negociante portuguez Manuel Ferreira da Costa, socio da casa commercial Ferreira & Irmãos, jogando *solo* e cahiu morto.

—De que proveio-lhe tão repentina morte?

—Dizem os facultativos que de um aneurysma que soffria, ha muito, na aorta abdominal!

—Deus se compadeça de sua alma!

—Os padres fazaristas vão para o pulpito blasphemar contra a imprensa.

—Inimigos da luz, odeiam a publicidade, por que não querem ver patentes, a hediondez de seus feitos, o epilogo de sua crapula e devassidão.

—Assim lhes convem: querem o embrutecimento do povo, para melhor plantar-lhe no animo o fanatismo e a supersticção.

—E' de balde; podem ladrar como quizerem; a imprensa caminhará segura em sua marcha de aperfeigoamento social.

—Um desses falsos apóstolos, na provincia de Minas, do pulpito, praguejou contra a imprensa deste modo:

«Nenhuma *utilidade* se encontra na imprensa: ella tem sido e ha de ser o motor da *discordia* e da *intriga*. *Maldicta seja a liberdade da imprensa*, que tudo e todos perverte: no outro tempo não se via isto.

«Todos corriam para a casa do Senhor onde escutavam felizes pelas nossas praticas á fé christã.

«E, demais, que invento ha na imprensa? Que de bom se pode colher della?

«Obra do acaso, como o foi a *telegraphia*, o *vapor* e a *photographia*, só prestam para a especulação dos homens e offensa a Deus (...). Os reis são pequenos ao pé de nós; si se ainda os respeitamos hoje, é pelo que elles tem de *divino*.

«O que valem esses *miseraveis* com os peitos ornados de *veneras*, si não vem aqui ouvir a *palavra de Deus*?! ...»

— Ah, viperina língua, o que precisava, sei eu.

— No meio de tão repugnantes sandiecos, o choro de uma criança interrompeu o crador, o qual ficou irritado e exclamou:

« Não queremos aqui crianças de 1 até 7 annos, que só servem para encommodar; pela segunda vez o repetimos.

« Parece que só estão habituados a obedecer à força de bolas e taquíra!...

— *Credo quia absurdum!*

Infeliz Guttemberg! Os desastrados lazavistas até querem roubar-te o teu portentoso invento: querem roubar-te a tua gloria, e o que é ainda mais iniquo, o facho divino e civilizador espalhado por todo o orbe—*a imprensa.* »

— Veja que bello pedaço:

« PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

« *Requerimento despachado em 30 de outubro de 1869.*

« N. 119.— Coronel José Joaquim Chaves; recorrendo do despacho da thesouraria provincial, no proposito de querer que o supplicante pague meia siza de escravos menores de 12 annos, embora destinados ao serviço de lavoura, visto ja ter sido informado o requerimento pela respectiva thesouraria. «—Procede a rasão do recorrente não devendo ser obrigado a pagar o imposto provincial de meia siza pela compra de alguns escravos menores que com seus paes adquirira para o serviço da lavoura, industria exclusiva do mesmo recorrente, ainda com a circumstancia de terem sido taes escravos de seu casal, dados a seu genro, para elle voltando por morte d'este; circumstancia que tira toda duvida sobre o destino dos mesmos escravos sempre empregados na lavoura.

A menoridade de alguns dos comprados não prejudica o favor da lei não só porque nas fabricas agricolas se aproveita o serviço dos mesmos menores, como por que a legislação teve em vista tanto o destino de braços para a lavoura, como facilitar o trabalho livre nas outras industrias, onde é elle mais de prompto realisavel. Neste sentido por tanto se reforme a decisão da thesouraria provincial attendendo-se à reclamação do comprador.»

— Si mais mando houvera la chegara!

S. Ex. desta vez foi ao fundo do bahu de sua proficiencia administrativa.

— No acanhado espaço de um despacho, não é possível contar com mais precisão a historia da procedencia e posse dos escravos de uma familia, a successão de herança, entrar em detalhes sobre a agricultura, analysar a legislação, e desenvolver ideas a respeito do trabalho livre!

— Capitão, tenho observado uma cousa.

— Que cousa?

— Em certos dias, reparo que na repartição da policia, pela madrugada, entram alguns homens de mãos vãs e sabem apetrechados com grandes embrulhos debaixo dos braços.

— Está por que dizem que V. não dorme de noite para espiar a vida alheia.

— Mas, o que será?

— São gazetas, rapaz.

— Hou! a repartição transformou-se em typographia?

— Quem de tudo quer saber nada se lhe diz.

— Porem eu pergunto por que a opinião publica é unanime em acreditar, que a missão da policia é muito diversa.

— Tambem entra em suas attribuições entreter a polemica para esclarecer os factos.

— Excellentemente bom!

Defendendo uns e accusando outros, é força reconhecer o subido grau de imparcialidade que é mister para proceder assim!

— Ouvi dizer que no sobrado 61, n'Agua de Meninos, ha uma mulher que come dinheiro aos papalvos com brucharias de advinhação e melhoramento de sorte.

— Pode ser muito bem.

Mas quem pode dar perfeita informação à policia que remexe isso tudo.

O DEVER.

Vamos tratar do verbo dever, que tem tantos sectarios, e uma mandade immensa, onde é juiz vitalicio o Dr. Calote—e juiza de devoção a Sra. D. Demanda das Velhacarias.

Os Srs. de engenho, estes lordes de estufada cathogoria em geral são irmãos confrades do dever e entendem que o dever é até uma belleza, e, fados na extensão de terras que têm, vão tomando dinheiros e formando debitos até o infinito, e si o credor aperta com elles, ahi temos ameaça de boacarte; e quando menos metem se no matio que ninguem põe olho nelles; si o credor falla em cobrar quatro, ou seis contos de reis, respondem elles de papo cheio—isto é uma bagatella, que pago para a sufra com meia duzia de caixas, e taes caixas nunca aparecem; porque as que fazem são poucas para comer, e dar a carne secca podre aos miseros escravos, que rivem estalando de fome.

— Ah! e quantos estão por ahi em propriedades que não são suas e que as devem a herdeiros menores, a viúvas que andam mendigando o pão, so porque esse devedores sem brio são surdos aos reclamos dos credores?!

Antigamente, no tempo em que passeava por este mundo a Sra. D. Justiça de braço dado com a D. Vergonha, e que negociavam com a sua amiga Boa Fé, o devedor era sujeito ao credor; porem hoje em dia, ao contrario, o credor é captivo do devedor, porque tem de ouvir descompostura de boca caçada.

O homem que deve, si tem pun honr, dorme sobre-saltado, e não tem a liberdade de retirar-se quando quizer, do lugar onde se acha.

Muitas mentiras se ouvem nisto de dever, a cada canto arrota um impostor que lhe devem tantos contos de reis. Antonio deve-lhe vinte, João quarenta, Francisco doze, e desta sorte apresenta um rol infinito, mas nunca diz quanto elle deve, e nem quer que se falle nisso; e como querem que

haja boa ordem nos negocios e conveniencia real-proca, si todos querem cobrar, e não querem pagar?!

Em summa o dever é colza tão má que diz o pro-verbio portuguez que—quem deve a Deus paga ao Diabo.

Disse.

LA VAE VERSO. VERDADES PURAS.

—Ora pois!... ja la perdeu-se
De outubro o dia fatal,
Em que os mares cresceriam,
E as ondas celebrariam
Do Brasil o funeral.

Mas não acabam-se os dias
De torpeza e corrupção,
De asneiras e bestidades,
De tartufos e de frades,
Neste bom paiz christão.

Que quadra de maravilhas,
De cousas que fazem rir!...
Incha o mar... e treme a terra...
Sobre os negocios da guerra
Continua-se a mentir.

MOTTE.

*São desgraças do Brasil
Um patriotismo fôfo,
Leis em parola, preguiça,
Ferrugem, formiga e moso.*

GLOZA.

Falta de senso e verniz,
Muita abundancia de frade,
Luiz onze e seus compadres
Governando este paiz...
Qual que berra, e que se diz
Mais liberal, mais servil...
Nas ruas bobos aos mil;
Por cima de tudo a guerra,
São lepras da nossa terra,
São desgraças do Brasil.
E dá-se accaso o portento
Que o miolo mais trabuque,
Do que ver Caxias duque
E Osorio no esquecimento?!
Na imprensa e no parlamento
Palavreado balofo,
Os deputados de côfo
Pescando os seus camarões;
Só se vê nos figurões
Um patriotismo fôfo.
Sinistro sobre sinistro,
É o que vem por ali—
Luciola e Guarany
Titulos p'ra ser ministro;
Ah!... pelas chagas de Christo
Deixem de tanta cubical

Toda gloria se espendica
Do Brazil, — não é pillheria; —
É afinal só ha miseria,
Leis em parola, preguiça.

Pedantismo e ignorancia
Desfructo e sem savoria,
Bestidade e fidalguia,
De que ha grande abundancia;
Caracteres sem constancia,
Que a traça rõe como estofa...
É tudo que acaba em — ôfo —
Como clubs, directorios,
Discurseiras, palanfrorios,
Ferrugem, formiga e moso.

Hamlet.

O CATACLYSMA.

Omez de outubro findou-se,
O cataclysmo não houve;
Acabar com este mundo,
Ainda a Deus não aprouve.

Foi um sonho do pedante,
Que tal peta nos pregou;
Mas é que tal historietta
Muita gente acreditou.

Essas velhas e beatas
Com seus rosarios na mão,
Chorando, diziam todas
Não morro sem confissão.

Insensatos! não conhecem
Aquillo que está-se vendo;
Que este mundo só se acaba
P'ra aquelles que vão morrendo.

E que maior cataclysmo
Queremos nós supportar
Que vermos a *nau* do estado
Prestes a se *sossobrar*?

O paiz em banca-rotta,
Com uma divida immensa,
Cuidam só com augmental-a,
Em solvel-a ninguem pensa!

Uma guerra sem ter fim,
Tantas vidas acabando,
E *honrados* fornecedores
Cada vez mais ir mamando.

Oh! cataclysmo infernal
É este que nós soffremos!
Tantos homens mutilados,
Tantas desgraças que vemos.

Aquelle supplica esmola,
P'ra de fome não morrer,
Pois noventa reis de soldo
Não chega p'ra se viver.

Foi pela patria bater-se,
Voltou do sul mutilado,
Expoz-se, mas não morreu;
Veio bem *recompensado.*

Entretanto o paraguayo,
Que é nosso prisioneiro,
Recbe soldo e etapa
E não lle falta dinheiro!!

Cataclysma é o governo
Novos impostos creando,
E este povo cordeiro
Calado se sujeitando.

Cataclysma é ser escravo
Quem nasce neste paiz,
Sendo filho do captiveiro,
Independente se diz.

Cataclysma é a politica
Só de males causadora,
Que tudo vai desmontando
E sempre ameaçadora.

Cataclysma é o Martins,
Que assim que aqui chegou
Trouxe logo um grande incendio
Que duas casas levou!

E o assucar do incendio
Querem a gente vender;
Isto sim, é cataclysma,
Para aquelle que o comer!

Por que, dizem, tem verdete,
Pode ao povo envenenar;
E' um grande cataclysma,
Pois nos poderá matar!

Preciso, pois, ja se torna,
Da policia providencia,
A fim de que este povo
Se livre d'uma imprudencia!

Cataclysma é o juiz,
Que vende uma sentença;
Cataclysma é o escriptor
Que prostitue a imprensa!

Cataclysma é um homem
Que para poder viver
Soffre d'um barro, um estúpido
Sem nada poder dizer.

Cataclysma é o caxeiro,
Com o amo á rascar;
E' o mundo que as avessas
Parece se vai virar!

Cataclysma são ladrões,
Que entre nós avultam tantos;
Do *olho-vivo* a companhia
Envolta em mysterios santos.

Cataclysma são os frades
Em tudo perniciosos,
Cobertos de mil maldades,
Refalsados e dolosos.

Cataclysma é a mulher,
Que sendo mulher casada,
Faz vida de prostituta,
E não attende p'ra nada.

Cataclysma são as beatas,
Que dos frades confessadas,
Vão seduzir as mulheres
Ou solteiras ou casadas.

Cataclysma são os medicos,
Que nas casas vão curar
E lá deixam um menino
P'ra terem em que cuidar.

Cataclysma é o luxo
Que reina nesta cidade,
E p'ra muitos é o vicio
Da negra ociosidade.

Cataclysma é a carestia
Dos generos alimenticios,
Sem que tenhamos um meio
Que nos tire esse supplicio.

E' destas innundações
Que devemos receiar,
E nunca do cataclysma,
Por que não hade chegar.

Por que Deus querendo acceso
Com o seu mundo a cabar,
Não ha de mandar dizer
Que o mundo vai se findar.

Salvo si algum spirita
Conversou com a Divindade,
E lá do alto dos ceus
Nos trouxe esta novidade!

O aspirante.

Á PEDIDO

— A justiça tem caprichos inconcebiveis.
— Olha para todos de olhos fechados. Não
destingue ninguém.

— Deveras? Então decifre-me isto:

Theodoro José do Couto e João de Carvalho
e Araujo, commetteram equal crime, isto e.
juraram textualmente que um menino forro
era captivo.

O jury da capital da Bahia absolveu a um e
condemnou a outro no grau minimo das pe-
nas do art. 179 do Cod. Crim.!

— E' que ha a circumstancia de um ser pae
de familia e outro não.

— Bem achado! Esta é sua. Por semelhante
theoria os paes de familia estão de salvo-con-
ducto á conduzirem-se na sociedade pela ma-
neira que lhes vier á cabeça.

— Pois então explique como quizer.

— Eu só vejo uma cousa, que é provar o
grau de coherencia e a força de penetração
juridica do jury da capital da Bahia.

* — Faça favor, Sr. *pae d'Egoas*.

— Pois não, Sr. aspirante, estou sempre
prompto a obedecel-o.

— Dispensio o servilismo.

Com que como vaes isso?

— Como um pobre *fiscal*.

— Então é esse o novo uniforme?

Paletot russo e bonet?

— Vm, repara em mim?

É o *fiscal* geral? A camara não ordenou que todos usassem do sobre-casaca azul e bonet e como elle não sabe do seu classico fraque e canudo do Florida, ao passo que mama de ordenado 1:200 \mathcal{D} rs.?

— Mas a camara que cala, é signal que consente.

— Isso é mais velho que azeite e vinagre.

É até parece que anda surda, não ouve é cega que não vê, nem lê, umas bombas á queima-roupa que o *Interesse Publico* tem arrumado no tal homem.

— Pois eu o tomo a minha conta, que o heide fazer mudar de facto e chegar ao rego.

— Chega á falla, *Alexandrino!*

Continuas a roubar?

— Que pergunta!... eu deixarei Si o mundo se acabar.

— Com que descaro este infame Faz garbo da ladroçira!...

— Ora da-se! essa é boa...

Roubar é alguma asneira?

— Pois infame é cousa boa

Arrebatat o alheio?

— Que m'importa! o que quero É trazer o bolso cheio.

— Mas não te morde o remorso, Não te doe a consciencia?

— Não guardar o que é dos outros Isso sim, é que é demencia.

— É um ladrão desta ordem!

Passa por homem de bem!

— Bello sermão de moral!

Bravo! o Sr. canta bem.

Não ha nada mais rendoso

Que o officio de ladrão;

Si eu roubar e for feliz

Posso um dia ser barão.

Rouba o testamenteiro,

O coronel, o tambor,

O creado rouba o amo,

Eu roubo do lavrador,

— Parece que este bandido

Quando a mãe o expremeu,

O diabo o privilegio

De ladrão lhe concedeu.

No pilar onde se apoia

Este gran saltador,

Si achar desgarrado rouba

Té do sol o resplendor

— Vem ca, olho-vivo.

— Todos me chamam *Neco*.

— Não repliques, enferrujado, do contrario vou ja daqui te lavrando.

— Mas o que me quer, Sr. muxingueiro?

— Levar-te ao capitão.

— Que fiz eu para ir á presença do capitão do *Alabama*?

— Nada; apenas és um fini-simo tratante.

Além dos quarenta mil reis que empalmas-te ao incauto caixeiro, acabo de saber agora de uma outra proeza tua.

— Qual será dellas?

— São tantas assim!

A de que se trata é esta:

Com palanfrorios illudistes a uma creouliha menor, filha de certo africano, e conseguistes com tuas labias que ella roubasse o pae para te dar.

A imbecil deixou-se levar pelas comportas aladroadas que lhe pregavas, e accentou a chave falsa que lhe destes, com a qual abria o balu do pae e tirava o que havia dentro e te dava para esbarjares em orgias libidinosas.

— Bem vê que não roubei.

— E' o mesmo.

Não roubastes directamente ao pae, isto é, não fostes de punhal em punho atacal-o; mas, roubastes a filha enganando-a que o dinheiro era para ajuntar e comprar uma casa e que depois te casarias com ella.

Quando o africano sentiu-se roubado e quiz tomar pé, praticastes outro facto ainda mais revoltante.

Soubestes incutir terror á incauta rapariga fazendo-lhe crer que si ella continuasse em casa seria victima de rigores do pae, e ella, inexperiente, acreditou-te e tu a raptastes.

Isso te convinha para ficares á coberto, receiando que ella declarasse ao pai o ladravaz que a fizera cumplice do roubo.

Depois de roubares ao pae o dinheiro, roubastes á filha a honra, abandonando-a por fim com um filho no ventre.

Sabes ja a bella acção pela qual vaes responder ao capitão?

— Pois então, deixe-me fechar o *trapiche*.

— Segue, caboleté; o *Gomes* que feche.

— Porem esse serviço me toca.

— Metto-te a taca no focinho, si refugas.

La tem o *Manoel* e o *Ferreira* que podem muito bem fazer as tuas vezes.

— Valha-me o SS. *Sacramento!* O que não dirá meu amo quando o *Amaro* lhe contar isso?

— Que tu és um fino ratoneiro.

— Uma historia de carochas;

— Ora vamos la.

—Era uma dessas noites medonhas, em que a natureza parece revoltada; zumbia o vento, ribombava o trovão, a chuva despenhava-se em torrentes; a terra parecia coberta com a capa negra do filho das trevas.

Alma de gesso, estava em seu gabinete.

—Quem era *Alma de gesso*?

—Depois saberá.

—Recostado em um velho bafete, achava-se entregue á mais apurada meditação.

—Em que pensava pois elle?

—Forjava planos para conseguir riquezas.

Para elle os preconceitos passados, presentes e futuros ficavam de parte; o que queria era conseguir seu fim; muito embora, fosse mister não recuar ante os meios mais criminosos.

De repente, passou a mão esguia e cadaverica pela frente e de um salto se achou em pé no centro do gabinete.

Naquelle cerebro incubado de ambição e maldade acabava de surgir uma ideia.

« Oh! minha feliz estrella, disse elle, eu te agradeço, illuminaste-me esta mente escaldada pela avidez e coliga! Sim hei de ser rico a todo transe, custe o que custar. Abandonarei á desgraça aquelle que se puzer em meu caminho para estorvar meus passos. Si for preciso, renegarei o proprio Deus; torna-me-hei em hypoerita si isso se tornar necessario a meus calculos. A traição, o perjurio, o estellionato, a humilhação, o veneno ou o puhal entrarão em meu plano.

« O que quero é ouro; venha como vier.»

Alma de gesso que andava envolvido no commercio, illudiu, traficou, mentiu, roubou, falsificou, mas chegou a seus fins.

E havia uma mulher que chorava lagrimas de sangue rodeada dos filhinhos, em quanto elle ria-se por que era rico e poderoso.

(*Continua.*)

Pedem-nos a publicação da seguinte:

DESPEDIDA DE UM GRATO AMIGO.

Manoel Cyrino Alz.º e Sua Familia, tendo de retirar-se diffinitivamente desta Cidade para seu citio da Prainha no Municipio do Bethlem do Discalvado, Distrito da Freg.ª de Santa Rita do Passaquatro; Cujá, affabilidade, Cavalheiros abitantes, proverbial hospitalidade, os atrahirão, e não podendo despedirem pessoalmente de todos Seus amigos por cauza justa, mais não podem deixar de pedir a imprensa desta Cidade affellis oportunidade de protestarem toda amencidão de Seus Sollennes reconhecimentos, e proffunda gratidão, ao muito que de obsequios e atenções, tiverão a felicidade de dever aos hospitaleiros habitantes desta Cidade, entre os

quaes viverão cinco annos; e cordialmente pedem desculpa de algumas faltas que involuntariamente fizeem commetido; Gratos portanto ao obsequiosa Cordialidade de seus amigos de quem com verdadeira Saudade se despedem, e Solennemente agradeessem tantos favores, e offreeem Seus poucos prestimos; em tanta vontade, de que possam dispor em todo e qualquer lugar de suas residencias. A Deus meus bons amigos. Ita 30 de agosto de 1860.

Manoel Cyrino Alves.

E Sua m.ª.

D. Delphina Maria de Jesus.

—Charas senhoras:

Desculpem, si as encommodo.

Porem notem, que o mesmo direito que assiste a Vms. de permanecerem em suas janellas, tenho eu de andar tarde na rua.

Com tanto que não perturbo o socego nem escandilise a moral.

Dizem as senhoras, que agora não podem mover uma palha, nem estarem a seu gosto, pela minha assiduidade em passar na rua.

Quem dará mostras de mais curiosidade?

Um homem que pacificamente transita por uma rua e tem necessidade de parar alguns minutos, na esquina, á espera de um companheiro, ou moças que passando por pudicas e recatadas conservam se entretanto nas janellas até que horas da noite?

Fazendo o que?

O que não é de minha conta.

Assim como tambem não tem nada as senhoras que eu passe e torne a passar as vezes que me approuver.

Agora, si minha presença lhes causa algum estorvo, o remedio que eu vejo é soffrerem.

Por tanto, espero que não continuem a dar fé da humilde pessoa deste seu creado.

D. Zezé.

VARIÉDADES

O CAIXEIRO DA LOJA DE FERRAGENS

O caixeiro da loja de ferragens vai dar que fazer á minha *delicada penna*.

Pouco ou nada tenho a dizer a respeito.

É para que os leitores não fiquem em um completo jejum, e como toda a *variação de leite*, ahí vão estes versos.

LAGRIMAS.

Que insipido viver!... Comprou meu amo,
Mais de thesouras mil enferrujadas,
E só para me dar grandes massadas,
Ordenou que as limpasso com cuidado.

Minha existencia sem prazer disfructo
As esperanças—estão quasi extinctas;

Só barriças de breu, pregos e tintas,
Deante de meus olhos nunca sahem...

Ty ranna sorte—para que - severa -
A mihi alma crucis dôres outorgas?
O meu negocio - será sempre drogas
Oleo, broxas, pinceis, e ferramentas?

Agarrado ao baleão, qual uma estatua
P'ra os canarios—alpiste heilde vender;
E para augmentar mais meu soffrer,
Tambem liubaca, e de mostarda os grãos!

Não de certo! agua molle no rochedo
Tanto batendo vae, que até o fura,
Não tardará que o dia da ventura,
Disponte para mim, risonho e bello.

Esta poesia não poderia ter o cunho de
perfeição.

Porque entre serras, enxós, limas (sem ser
as fluetas) papel de embrulho, panellas de
ferro, não pode o poeta desprender as azas
da sua imaginação.

O caixeiro da loja de ferragens, leitores,
representa um papel muito particular perante
a sociedade.

Elle fornece ao carpinteiro e ao pintor,
os instrumentos necessarios para as suas
obras.

Certo sujeito encaminhou umas botas a
um sapateiro; quando este as tinha ja feito
levou-as ao freguez, o qual calçou-as para ver
si estavam boas; deu alguns passos com
ellas, e perguntou a uns amigos que ali
se achavam, si ellas lhe estavam aperta-
das. Perguntou-lhe um delles, si os pés lhe
doíam, respondeu o freguez que os tinha a
estalar com dores; então (disseram os ami-
gos) estás boas, e largas, fique com ellas; e
dezataram as gargalhadas.

EPIGRAMMAS.

A UM TABAREU.

Pés no chão, calçado ao hombro,
Andava vilão ruim,
Diz, cortando o pé com um vidro,
De que livreí meu botim!...

EPITAPHIO NA SEPULTURA DE UM CONTADOR.

Nesta triste sepultura,
Repousa um contador,
Que nunca errou na conta,
Que não fosse á seu favor

A IDADE CANONICA.

Um bispo fez uma viagem de inspecção a
sua diocese e viu duas raparigas em casa de

um ecclesiastico; este lh'as apresentou como
as suas governantas.

— Mas, meu querido irmão, disse o bispo,
que vejo eu aqui? Estas raparigas tem 20 annos
quando muito, e V. Rvm. deve saber que as
leis canonicas ordenam que as mulheres em-
pregadas em casa dos sacerdotes tenham ao
menos 40 annos. Nunca leu esta lei?

— Li-a, eminentissimo senhor, mas pare-
ce-me que não pequei contra ella: em vez de
uma governante de 40 annos, tomei duas de
20 annos cada uma, e por conseguinte não
errei a conta!

Um pregador, em quinta-feira de Endoen-
ças de tarde, principiou o sermão dizendo:
«Faz hoje annos que os Judeus jogaram a ar-
renogada com Christo Senhor Nosso. Judas jo-
gou uma sotta, Pilatos atravessou com o basto,
Christo Redemptor, não tendo outra carta
mais que o ás de cópas, mamou um codilho
de cinco mil e tantos açoites.»

ANNUNCIOS

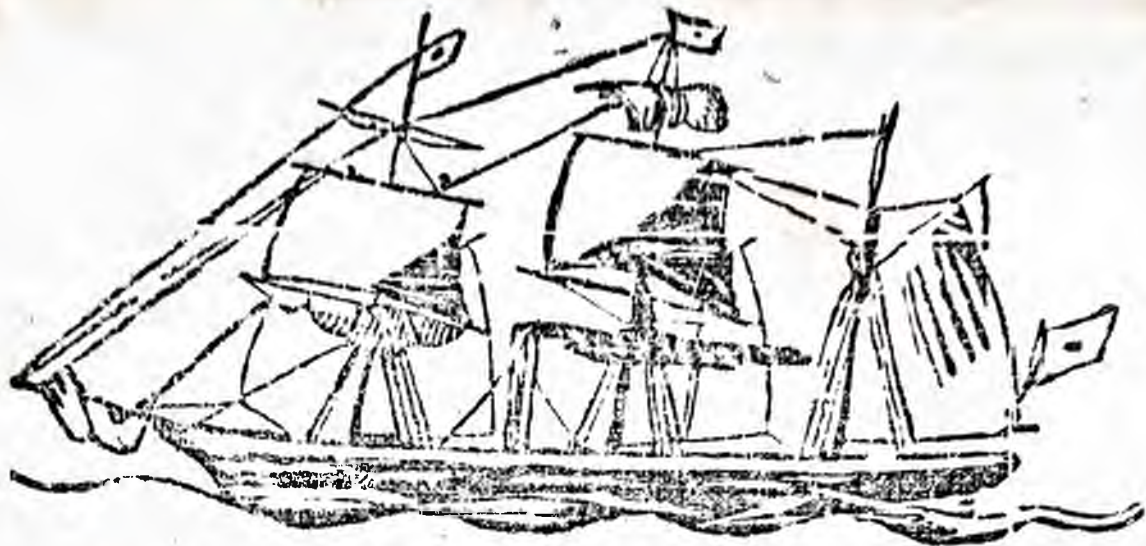
Vende-se tres frentes de casas, em terreno
proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia
de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Va-
lentin, funileiro. Trata-se com o procurador
Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu
cartorio, á rua Direita da Misericordia, das
9 horas da manha ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam
no deposito da—Vivandeira—declara que
deixou de fornecel-os para o dito deposito,
passando d'ora em diante para á rua das Flo-
res, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de
João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para
o armazem Mercurio, por baixo da Recrea-
tiva.

ATENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no de-
posito de charutos de Augusto Rodrigues
Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º
51, o seguinte: charutos finos de bons fabri-
cantes, cigarros de diversas qualidades, fu-
mo picado, bolsas de borracha, mortalhas,
palthas de milho, cachimbos cobertos e des-
cobertos, ponteiras para charutos e cigarros,
phosphoros de segurança do melhor author
em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas
para candeeiros de gaz, folhinhas de La-
examert para 1870, diversas mindezas e tudo
o mais que se encontrará no dito deposito á
vontade dos bons amigos e freguezes, sendo
bem servidos em toda e qualquer quali-
dade destes generos.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 58

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 574.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na casa n.º 19, á ladeira da Oração, a senhora de um Sr. Barcellos, logista, tem a sem-razão de querer que uma menina de cinco annos execute com perfeição difficeis trabalhos de agulha, e sendo obvio que em tal idade a intelligencia não pode ter o possivel desenvolvimento e comprehensão, torna-se a innocente victima de excessivos castigos, o que sem contestação é uma barbaridade; e para que não continue tão reprovavel proceder, espera-se que S.S., por meio de sua authoridade, admoeste a referida senhora a proceder mais brandamente com aquella creanca.

—As casas de jogo não merecem a attenção de quem tem obrigação de vellar pela boa ordem desta terra, e vão produzindo seus funestos effeitos!

Aperdição, a deshonra, a infamia, o suicidio, dão-se a cada hoia.

—Quer ouvir minha opinião?

—Diga.

—Não me consta que se leve ninguem pelo braço para jogar, e por tanto quem conhece o perigo e se mette nelle é por que quer.

—E' o que V. pensa!

Emprega-se as seducções, os convites, os jantares, os enganos, o dolo, e dado o primeiro passo no abysmo, é custoso recuar.

—A maldicta *forra*, é quem mata os papalvos.

—O resultado é que o homem, embebido no jogo, quando acaba de perder o que é seu, lança mão dos meios, por mais ignobes e criminosos que sejam para adquirir dinheiro, com que va saciar a gana desses maldictos harpyas que estão de fauces escancaradas á espera do incauto.

—Por fallar nisso, nos Afflictos houve jogo por cima do tempo.

—A' proposito delle mesmo é que eu fallo.

Um moço, encarregado de receber certa quantia na thesouraria, em logar de ir entregar o a seu dono, foi para os Afflictos.

Primeiro jogou na banca de um Sr. Osorio, onde depois de perder dinheiro a sorte o favoreceu e elle recuperou-o com differença de 2\$ rs., que alguém lhe deu para inteirar.

O risco que correa, não o escaurmentou, e o damnado vicio ainda o arrastou para outra banca, a de um, Sr. Rangel, empregado particular, segundo consta, onde e agolpirado, so conheceu o mal que praticara, quando acabou de perder o alheio.

—Gente audaz!

Jogam com individuos, que elles sabem que não tem meios de vida por onde possam dispor das quantias que perdem!

—Sabo qual foi o desfecho?

O dono do dinheiro queixou-se á policia, e no outro dia o tresloucado foi preso publicamente com o laubeu infamante do haver subtrahido o alheio.

Não seria melhor ter-se prevenido tão ignominiosa consequencia do jogo?

—Pois não!

Mas em conclusão é isso tambem no fervor com que hoje se festeja o culto divino.

Eis o que se chama uma festa religiosa com pompa; onde as galas se fazem sentir no exterior, pelo deboche, a crapula, a libidinagem.

—Até as praticas da religião se prestam para a desmoralisação da epocha.

—Não se pode morar nas Portas do Carmo!

—Por que não pode?

—Por causa de um surrador de couros que ha na loja do sobrado n.º 71, o qual, para poder amacial-os, mette-os dentro de azeite de peixe fervendo, de maneira que é uma fedentina de causar nauseas, á ponto de cegar o estomago da gente á doer!

—Isso não deve ser muito salutar! Não sei como consentem em uma rua d'aquella!

O inspector da saude publica não tem passado por ali?

—Por que faz-me esta pergunta?

—E' que eu desejo saber si é hygienica aquella fedentina!

—Seja ou não, o que eu sei é que vou me mudar; não estou para aturar semelhante fedor!

—Eu acho bom que, antes de mudar-se, primeiramente ouça a opinião do digno inspector da saude publica á respeito e então á quem competir dar providencias, que as dê.

—Decididamente matam aquella mulher.

—Mas que quer? São soldados de policia, estão no seu louvavel direito.

—Não tem jeito!...

Quando aqui no Terreiro, á vista de tanta gente, fazem isso, pelo caminho, até na Correção, o que não será!

—E fazem com authorisação do chefe de policia.

—E' impossivel!

—V. não viu o guarda que chegou por ultimo, bradar que senhor doutor mandava ver quem estava fazendo opposição?

—Porem dizem que os bebados não tem imputação.

Entretanto uma mulher embriagada é esbofetada, chibatada, amassada a panno de rifle e atirada em corpo e alma no chão na noite de sexta feira, no largo do Terreiro de Jesus!...

Não se commenta.

—E agora porque horrendo crime!

—Porque a bebedico deu-lhe para não querer acompanhar os soldados á prisão.

—Felizmente mais de cincoenta pessoas presenciam e revoltam-se contra tão deshumano e criminoso procedimento da policia da Bahia.

—Capitão, soube de uma agora que me fez calafrios.

—O que foi?

—O Sr. Henrique, musico do corpo policial, acabando de almoçar café, sentia dores agudas, vertigens, os musculos das mãos contrahirem-se e estas arrochadas.

—O que seria?

—Ignoro.

—Por acaso serão effeitos do assucar café com verdete que estão vendendo?

—Deus é que sabe.

Eu não duvido de nada aqui onde as cousas se fazem com tanta facilidade.

—Nunca vi terra mais fertil de acontecimentos singulares!

Dão-se cousas ineriveis!

Acabam de me dar uma informação que me fez cahir o queixo.

—Vamos a ver.

—Por espaço de um mez, estive preso na Correção o africano livre Honorato, sem que sua prisão fosse decretada por authoridade alguma.

—Mas o carcereiro não recebe preso nenhum sem ordem d'authoridade.

—O preso foi recolhido por supposta ordem do chefe de policia, poré n'en elle deu tal ordem nem teve sciencia della, sinão depois de um mez; é o que consta.

—O lá! E' extraordinario!

—Por um acaso, o chefe de policia viu o nome do preto no rol dos presos e mandou solta-lo.

—E o responsavel de tamanha arbitrariedade?

—Sabe-se la quem foi!

—Isso é couza que convinha ventilar.

—Para que? Talvez fossem os anjos.

—Capitão, quer ouvir uma atrocidade de Lopez?

—Do Paraguay?

—De onde ha de ser?

—Admirou-se? por cá ha muitos Lopez.

—E' a *Voz da Patria*, folha de Corrientes, quem conta:

—«Nossa irman Cármen Moreno, uma das captivas correntinas, nos refere a seguinte barbaridade praticada por Lopez.

«Uma senhora teve que reprehender soveramente a uma sua criada por assumptos de serviço interior de sua casa. Esta, por uma vingança iniqua foi dizer á Lopez que sua ama estava se preparando occultamente para passar-se ás linhas do exercito alliado.

«No dia seguinte que deu-se este facto, Lopez ordenou que todas as mulheres se reunissem em uma praça publica, as quaes formando um quadrado, nelle tiveram logar as scenas mais deshumanas que registram os annaes dos crimes.

«A senhora calumniada por sua criada era ainda joven, de lindissimas feições, de boa educação e muito estimada no logar de seu nascimento.

«Lopez ordenou que se lhe pozessem grilhões, não lhe permittindo ao menos dispor cousa alguma antes de sua prisão.

«Uma vez disposto o quadrado, fizeram comparecer essa infeliz victima preza por grossas correntes e a collocaram no meio da praça, deitada no chão e cercada de sentinelas. Nessa occasião ahi compareceu o tyranno que recorrendo a linha das mulheres disse em voz alta:

«—Ha aqui entre vós uma paraguaya que possa compadecer-se desta trahidora á sua patria?

«—Nenhuma, senhor! foi a resposta de todas aquellas infelizes.

«Poucos momentos depois de um profundo silencio se apresentaram os verdugos em derredor da victima, e cada um com o ferro fraticida de suas lanças principiaram a exercer sobre a desgraçada uma morte lenta, porem a mais cruel e horrivel que se tem visto em tempos de barbaria.

«Durante a execursão foram as mulheres que compunham o quadrado fiscalizadas por agentes que tinham ordens terminantes de observar si alguma dellas dava demonstração de uma reprovação.»

—Homem, a procedencia da noticia é um pouco suspeita; e portanto eu fico suspenso; porque só um monstro pratica tamanha atrocidade.

—Capitão, como é isto?

—O que é?

—Sexta feira, tendo ido ao Bomfim, demorei-me la até 6 horas; occasião em que deliberando-me a voltar fui ao ponto das gondolas, para transportar me.

Ahi disseram-me que não havia mais trem para a cidade, pelo que resignei-me. com alguns camaradas, a fazer a viagem no cavallo das pernas.

Mas, qual não foi o meu desapontamento, ao ver, tres minutos depois, o encarregado

das diligencias annunciar em ar de pregão, que o Sr. tenente Calasans tinha fretado uma diligencia por 24 \$ rs. e que quem quizesse fosse tratar com elle!

—Mas o que ha de mais nisso?

—Então a empresa não commette uma irregularidade cedendo seus direitos a um particular para negociar com o publico?

Não é má fé consentir que se altere o preço das passagens sem annuncio previo?

A empresa que annuncia cada viagem a 250 rs., não commette uma falta consentindo que um particular as venda a 2 \$ rs?

—Estou certo que elle não deitou corda ao pescoço de ninguem.

—Ora pelo amor de Deus!

Por isso é que as cousas desta terra vão todas por agua abaixo!

Ainda mais:

Si ha uma tabella que marca o numero de viagens, as horas de partida, como é que ella abusivamente alterada em proveito de terceiro?

—Mas V. mesmo não diz que são cousas desta terra?

—E' verdade, porem si se largar de mão é peor.

—Então o que quer?

—Que a honrada gerencia da empresa procure cercear esses abusos que muito a desprestigiam.

—Eu faço muito conceito desses cavalheiros que a compõe; vamos ver o que elles fazem.

—Ora que hão de andar esses soldados de policia caçando balha na rua!

—Andam policiando.

—O ordenança do delegado, no sabbado, entendeu que devia passar por entre dous homens, que conversavam sobre o passeio, na porta do forum, e esbarrou um de sorte a quasi atiral o ao chão.

—E é assim que muitas vezes se origina um conflicto, que ao depois elles appellidam de resistencia á força publica.

Á PEDIDO

—Capitão, o Agostinho viu-se em calças pardas!

—O Silva ja me contou, e disse ter ouvido do Paranhos!

—E neste caso, dispensa-me de contar-lhe?

—Não; desejo ouvil-o tambem.

—V. Exa. ja o entregou ao despreso, não?

—Ora, que me importa áquelle gaiteiro, áquelle mau marido! Aquillo é a vergonha do irmão!

—La vae:

Entraram em casa da amasia, na tal *ladeira* onde tem um pé do *gameleira*, uns meirinhos para tirar-a do casa como escrava.

Agostinho, vendo que lá se ia sua *cabrocha*, sua querida *Ursasina*, como escrava fugida, andou de dentro para fóra, desde 7 horas da manhã, e por tanto parece que, abandonando o lar da familia, lá pernoitou, e por fim assignou um deposito por ella.

Despresou a repartição, o levou todo o dia no forum a tratar dos *seus papeis*.

—Esta rapariga é forra, eu sei disso! Elle é um cana'ha, um cousa ruim, um caloteiro que não quer pagar a quem deve, afim de ter dinheiro para gastar com ella; mas neste ponto elle tem razão.

—Elle blatera que ha de escrever e escangallar a authoridade que mandou executar e a que expediu o mandado!

—Está no seu direito!

Agora o que eu não sei é, si a authoridade tem culpa, porque ella tem o direito salvo de proceder judicialmente contra o seu supposto senhor!

—Esperemos pelo desenlace da historia!

O CUME DA SERRA.

Em tempo d'inverno frio
No *cume* nasce a roseira
Os botões no *cume* crescem,
E a rosa do *cume* cheira.

Quando o vento sopra rijo
As plantas do *cume* estragam
As rosas do *cume* arrancam;
E as chuvas o *cume* alagam!

Vem cupido cuidadoso.
De novo o *cume* endireita;
No *cume* deita sementes
As bordas do *cume* enfeita.

De novo o *cume* rebentam,
As flores do *cume* sahem,
Ao sopro da ventania,
As rosas do *cume* cahem.

ADVERTENCIA.

Pede-se a Sra. S... branco que reprima um pouco a sua viperina lingua, quando fallar de quem a conhece e pode pintar-lhe a chronica na cara.

VARIÉDADES

O SONHO.

Foi no domingo que eu detei-me em meu *sophá* fumando um cigarro; meu *sophá* é uma velha *marqueza*, herança que me deixou minha avó.

Orn, com este confortavel delcíte, peguei no *sonno*, eu não sei mesmo si eu peguei no *sonno*, ou o *sonno* me pegou; e entrei a *sonhar*.

Mas o que pensam os leitores que eu *sonhei*?

Pensam talvez que *sonhei* com alguma *panella* de ouro que estivesse enterrada e que eu a *desenterrasse*?

Pois não, *corações!* isto queria eu *achar!*

Mas não foi com este *rei* do mundo que eu *sonhei!*

Sabem com o que *sonhei*? *Sonhei* que o mundo estava para se acabar, e quando *sonhava* isto, um *destabanado* que *passou*, deu me uma *pancada* na testa, gritando:

«—*Levanta bruto!*»

Accorlo, dou *comigo* na rua *Direita* da *Mizericordia*, deitado na porta da *pastelaria* do *Marcolino!*

Fiquei *espantado* de semelhante *cousa*, e disse *comigo*:—como é que eu *deitei-me* em *men sophá* para *dormir* e agora *acho-me* aqui?

Era que eu *tinha* me *embriagado* no *domingo* á *tarde* e *cahi* na porta do *pasteleiro*, e so *dei* *acordo* de *mim* na *segunda feira* pela *manhã*.

Mas si eu *havia* de *levantar-me* logo, fui *ainda* *ficar* *sentado* no *passeio* e um *insolente* *passou* e *metteu-me* os *pés!*

—*Digo-lhe:*

—Que mal *lhe* *fiz* eu,

Si não *offendo* a *ninguem*.

Sabe o que me *havia* *elle* *responder?*

—*Cala-te bruto.*

O *cataclysm* *ahi* *vem!*

Levanto a *cabeça* e *vejo* um *homem* *velho* de *olhos*, *montado* á *cavalle* e com *dous* *soldados* *atrás* *tambem* *montados!*

Na *verdade*, o tal *velho* *tinha-me* *mesmo* *uma* *cara* de *cataclysm!*

Tratei logo de *levantar-me* *fazendo* *cruz* na *bocca* e me *recommendei* ao *Sr. S. Lourenço* para que *possa* *cahir* na *sua* *graça!*

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 122 e 123 do—*ROCAMBOLE*.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORITY DO GOVERNO.

O *escriptorio* denominado—*Monte-Socorro*—estabelllecido á rua *Direita* da *Mizericordia*, n.º 13, mudou-se para ás *Portas* do *Carmo*, n.º 42, aonde *continua* a *fazer* *empréstimos* sobre *qualquer* *penhor*; *tambem* *compra* *prata*, *ouro* e *joias*.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 58

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

13 DE NOVEMBRO DE 1869.

Ns. 575 e 576.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
11 de novembro de 1869.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, ou a quem competir, pedindo que lance suas vistas para a relaxação com que se portam os destacamentos que vão para a casa de prisão com trabalho, não só na forma por que fazem o serviço, como por andarem dando tiros de espingarda, a titulo de passarinharem, o que muito encommoda aos moradores d'aquelle logar; e até mesmo pelo risco que correm as pessoas que por abi transitam.

Em vista pois das razões apresentadas á cima, espera-se providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—
Achando-se os arredores da Cruz do Cosme infestados de turbulentos, vadios, reus de policia, desertores e até criminosos, seria de summa utilidade que S. S. para alli mandasse uma patrulha reforçada de cavallaria que polieiasse aquelle lado do suburbio da cidade, afim de fazer manter o socego publico.

—Ao mesmo, recorrendo a S. S. contra o insolito procedimento do guarda do chafariz do Terreiro, ha pouco removido do da Piedade, o qual por espirito de ganancia estabeleceu multetas de um e dous vintens sobre as pre-tas que derramam agoa no acto de encher

o barril, as que demoram se com elle depois de cheio dentro do chafariz, as que lavam os pés, e outras cousas que sageriu a imaginação fertil de tal especulador. Esse individuo apprehende os barris e não consente que saiam sem que a maceta seja paga, pelo que ha clamor geral.

E' uma sem razão desse homem, a qual só tem justificação no proveito que tira, o querer que se abra uma torneira sem desperdicar um pouco d'agoa; assim como é muito natural que quem vae a fonte lave os pés e os braços; e não é essa ridicularia que farão os tanques do Queimado seccar.

A companhia ja teve sciencia do pessimo procedimento de seu empregado, mais não deu fé e até parece que galardoou-o removendo-o para melhor chafariz; em vista do que recorre-se a S. S. como garante da ordem publica, afim de evitar qualquer desagradavel conflicto, que infallivelmente se dará, si a intervenção da authoridade de S. S. não chamar aquelle individuo a ordem; o que espera-se contando-se com a boa vontade com que S. S. costuma attender as reclamações do serviço publico.

—Ao mesmo, communicando-lhe que Manuel Cyriaco, o assassino do infeliz Martiniano Pires da França, vaga pelos mattos da Cruz do Cosme, trazendo em sobre-salto os moradores da circumvisinhança, muitos dos quaes o tem encontrado; sendo tal o terror que tem infundido que muitos delle dados a lavoura, não se animam a ir a suas roças. Pedese a

S. S. providencias para a captura do criminoso.

—Oh! causa lastima ver-se o estado d'aquelle rapariga!

Os beiços arrebetados, a cara disforme d'aquella manóira e o corpo todo sevieiado!

Que horror!

E' tristissima a sorte do escravo!

—Quem é a senhora d'aquella miseranda?

—E' escrava de uma tal D. Rosa, comadre do vigario Boaventura, moradora na freguezia do Pilar.

—E a policia não vê o estado desta desgraçada rapariga?

—Ja veio queixar-se ao chefe de policia e pedir-lhe que não queria mais servir a senhora D. Rosa.

O chefe mandou chamar o *compadre* da dita senhora; elle prometten-lhe vendel-a; mas, para constar, entregou á um corrector de escravos e depois mandou a buscar, applicando-lhe, pela audacia de ter vindo queixar-se, os mais barbaros e cruentos castigos!

—Que deshumano!

E é um ministro de Deus!...

A rapariga, pelos horriveis castigos que continua á receber, no auge de desespero, foi ter com o delegado, visto como pelo chefe de policia não tinha achado allivio para os seus tormentos. Porem este sendo amigo intimo do vigario, mandou-a para a casa de sua senhora, e ella continua á ser martyrisada!

—Oh! é terrível a sorte desta desgraçada; é necessario que o Sr. chefe de policia não se deixe levar por amizades e por caprichos politicos; e confia-se, que, sendo S. S. justiceiro e recto, como se tem mostrado em prol da causa do opprimido, fechando os olhos a tudo mais, dará as providencias preecisas minorando assim a sorte da desventurada!

—Espera-se!

—Annuncia-se um passeio pela via fereira a Piripiri.

—Em que dia?

—Domingo 21 do corrente

E' promovido por diversas philarmonicas em favor da sociedade libertadora Seto de Setembro.

—O fim é nobre e louvavel.

—E reconhecendo isso é que o superintendente da estrada philanthropicamente ce-deu gratuitamente os trens.

—A' vista de tão desinteressado passo, estou certo que a empresa de Vehiculos não ha de querer ficar atraz.

Para facilitar a concorrência, sem duvida diminuirá o preço das viagens.

—E desta sorte o publico concorrerá para uma obra meritoria, ao passo que terá um dia de recreio e desenfado.

—Capitão, aqui tem.

—O que é isso?

—Uma reclamação do Sr. Custodio Ferreira d'Oliveira, administrador da Correção. Passo a lel-a:

«Sr. redactor do *Alabama*.—Vendo hontem no seu periodico n.º 574, um escripto no qual se lê que esteve preso na cadeia da Correção o africano livre Honorato, sem que sua prisão fosse decretada por authoridade alguma, venho a imprensa declarar-lhe que o seu informante parece nutrir má vontade contra essa redacção, ou não passa de um mentiroso ou refinado pomadista dos muitos que infestam esta cidade, visto que o africano de que se trata foi recolhido á esta cadeia com ordem escripta da authoridade que decretou a prisão. Desejo, Sr. redactor, que sirva-lhe isto de sobre-aviso para não se levar por informações de quem quer que seja, sem que tenham o cunho da veracidade.

Bahia e cadeia da Correção, 10 de novembro de 1869,

Sou. Sr. redactor,—Patricio etc.—*Custodio F. d'Oliveira*, administrador carcereiro.»

—Sem duvidar da palavra authorisada do Sr. Custodio, é minha opinião que a informação que nos deram ainda está de pé.

Disseram-nos que um homem tinha sido preso á ordem do chefe de policia e que depois de trinta dias o chefe não tinha conhecimento de semelhante prisão. Isso é que se torna preciso destruir.

E de passagem seja permittido perguntar: o individuo esteve preso trinta dias com as formulas que a lei prescreve?

Têve nota de culpa? foi processado?

Quanto á ordem escripta da authoridade decretando a prisão do africano, a boa-fé do Sr. Custodio podia muito bem ser illaqueada nesta terra onde se vê tanta cousa.

Ainda ha pouco, em negocio de importancia mais grave, a firma do Dr. Cassimiro de Madureira foi falsificada.

—Capitão, venho lhe pedir um favor.

—Não sendo dinheiro ou cousa que o valha, pode dizer!

—Não é isso que lhe quero pedir.

—Então diga logo; o que é?

—Quero pedir-lhe para recommendar o concerto do distincto violinista bahiano Adellemo Francisco do Nascimento, no theatro de S. João, concedido pelo presidente da provincia..

— Em que dia é?

— Na segunda feira 15 do corrente.

— Bem; vou mandar recommendal-o ao distincto povo bahiano, que sempre mostra o quanto é phylantropico, para todos que a elle recorrem; estou certo que ha de haver grande concurrencia, em vista da noite divertida que elle offereco aos seus patricios.



— Alguns membros do partido liberal combinaram se em mandar celebrar por alma do fallecido senador do imperio Theophilo Benedicto Ottoni um officio funebre, no dia 17 do corrente, pelas 9 horas da manhan, na igreja matriz de S. Pedro, trigesimo dia de seu passamento; e para cujo fim convidam á todas as pessoas que os quizerem acompanhar nesse acto religioso.

— Foi uma grande perda para o Brazil a morte de tão benemerito cidadão, cujas virtudes civicas e particulares tanto o elevaram na escala social, quanto honraram a nossa patria!!

Mas o que se ha de dizer a respeito desse vulto proeminente?

— Não precisa mais que pronunciar o seu nome, para fazer-lhe todo elogio!!!

— Derramemos uma lagrima de dor e de saudade sobre o tumulo desse cidadão que a morte nos roubou, deixando um vacuo difficil de ser preenchido, e façamos votos ao Altissimo para que o recompense com as glorias eternas!!!

— Isto é que se chama cassuar com o pobre!

Este governo além de cruel, recreia-se em zombar dos infelizes.

Ora veja isto:

«MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

«Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1869— Illm. e Exm. Sr.—Para que se possa resolver acerca do requerimento em que Maria Joaquina de Santa Anna, residente na villa de S. Sebastião de Maranhã, nessa Provincia, pede uma pensão, allegando que seu filho o 2. sargento do 32 corpo de voluntarios da patria, Antonio da Silva Porto, falleceu no combate de 22 de setembro do 1866; convem que V. Ex. exija da peticionaria e remetta a esta secretaria de estado, em original, os documentos seguintes: folha corrida, certidão de baptismo de seu filho, certidão dos assentamentos de praça do mesmo inferior, justificação de que falleceu em estado de solteiro e que a alimentava, certidões das secretarias de estado do Imperio e da guerra, declarando as mercês que tem

tido, ou que nenhuma lhe ha sido concedida, e finalmente certidão de que nada percebe pelos cofres publicos. Deus guarde a V. Ex.—Barão de Muritiba. Sr. presidente da provincia da Bahia.

— Na verdade isto so dado com o *pae dos santos!*

Va uma mulher, pobre como Job, morando la nas brenhas, tirar certidões das secretarias da guerra e do imperio, para receber uma ninharia!

— Si ella tivesse dinheiro para isso, estou que não estenderia a mão a este desconhecido governo para pedir-lhe uma migalha.

— Pessoas que dispõe de recurso custam a obter uma certidão e muitas vezes perdem seus papeis que enviam para a corte, quanto mais uma misera sortaneja.

— Quando foi para assentar praça, não precisou essa alluvião de documentos, agora para dar uma esmolla a pobre mãe cream mil difficuldades.

— E' assim que a patria remunera aos seus verdadeiros servidores!

— E faz muito bem os que governam em crear taes obstaculos; arredando os que tem direito, fica maior quinhão para os seus.

— Em outro paiz, um governo patriota se contentaria com uma certidão do vigario, um attestado da authoridade do logar; aqui não, é o que se vê.

— Para derramar sangue é o povo; para usufruir as commodidades as pensões, são elles.

— Fazem bem, aproveitem.

— Que tempos, meu Deus, que tempos!

— Esta epocha é o symbolo da corrupção.

— O desmantellamento social, a fé trahida, a virtude calcada, o merito menos-prezado, é o que se vê!

— E por cima de tudo isso, os interesses pessoas, os gozos materiaes, proclamado em thermometro das consciencias.

— Tudo está pervertido!

A má fé e o embuste converteram-se em evangelho da sociedade.

— Aquelles que se dexiam amar mutuamente em guerra desabrida, o pastor em luta com as ovelhas.

— Não atalhando o que V. vae dizendo, a proposito:

Eu outro dia, confessando-me declarei ao padre que tinha uma pequena demanda e este severamente admoestou-me para que acabasse com ella, por que a chicana era contra os preceitos de Jesus Christo.

— Elles dizem isso.

— Mas não passaram muitos dias, e eu leio no *Jornal*:

«TRIBUNAL DA RELAÇÃO.—Provedoria.—Ag-

gravante, a irmandade do Senhor da Cruz da Palma; aggravado, o Exm. Sr. arcebispo conde de S. Salvador.—Negou-se provimento.

—Eu li tambem.

—Indagando, soube que era uma disputa que havia entre essa corporação religiosa e o prelado pela posse de propriedades.

—Hade ser isso.

—Achei uma cousa assim de costas acima. O ministro d'Aquelle cujo reino não é deste mundo chicoteando pela posse de bons terrenos!

—Capitão, tenho sabido muitos segredos da vida alheia.

Estou ao facto de cousinhas que muita gente não pensa.

—E' uma acção que nada tem de louvavel; especular a intimidade dos negocios dos outros.

—Porém eu sei sem querer.

—Eis o que é mais maravilhoso!

—Attenda V. Ex. que eu tenho uma freguezia de doces, e que essa freguezia é nem mais nem menos, a escrava de certo director de um estabelecimento de credito, o qual por *economia* lança mão das cartas que recebe e as dá inteiras a sua escrava para embrulhar doce.

—E desta sorte está V. de posse de negocios que seus donos tem para si resguardados pela inviolabilidade do sigillo.

—Tal qual; sei de muita gente que anda de curral apertado, e entretanto todos jurarão que seus negocios são os mais desembaraçados do mundo; tenho lido muito pedido de misericordia, muita supplica, muita humilhação.

—Pois eu acho bem reprovavel tal procedimento.

—Qual, o meu?

—Não; de quem assim levemente divulga os segredos dos outros. E' uma falta de delicadeza para com aquelles que, em confidencia, dão a conhecer suas criticas circumstancias.

—A audacia dos larapios é de pasmar!

Que elles tendo consciencia de que uma casa não tem gente, a vão arrombar é muito natural; mas que levem o arrojo a arrombar e penetrar onde sabem que seus donos estão ahí, e façam uma limpa geral, é trabalho muito fino.

—Eu penso do mesmo modo.

—Os ladrões na noite de 10 entraram em casa do Sr. Gameleira, no caminho do Maturu, abriram diversas portas, roubaram tudo e pozeram-se ao fresco sem serem presentidos!

—Si eu acreditasse em feitiço dizia que todos esses ratoneiros usavam delle!

—Capitão, eis um bonito elogio feito por deputado da assembleia provincial de Minas, o Sr. Ignancio Martins, ao general Osorio.

«Caxias nada pode ser sem o governo; Osorio ha de ser sempre o astro brilhante que illumina as glorias da patria (apoiados). Osorio é o bravo dos bravos, o bravo até a temeridade; Osorio é heroe, heroe verdadeiro, heroe historico, que na phrase de um escriptor ja attingiu as roias do sublime; Osorio é o general de enexcedivel heroismo, disse o Sr. Conde d'Eu. (Muito bem). Osorio é o primeiro merito entre os mais distinctos; Osorio é o primeiro e o mais valente general da America do Sul; finalmente, senhores, Osorio ha de ser sempre o legendario Osorio (Muito bem, muito bem).

—Capitão, sobre o assassinato do inspector Martiniano Pires da Franca, commettido por Manoel Cyriaco, no sitio das Areias, obtive estas informações:

Um Sr. Claudemiro de tal, morador em uma roça no mesmo lugar desfeiteara ha algum tempo a Manoel Cyriaco, por causa de uma moça deste, do que resultou elle dizer que não retiraria para fóra sem exercer uma vingança.

Claudemiro sabendo disto, em vez de procurar os tramites legais, dando uma queixa com testemunha, contentou-se em cortar o occorrido ao inspector fallecido; este prometeu vingal-o (porque disseram-me são muito poderosos alguns inspectores d'ali, entre os quaes sobre sahe um certo *gajão* de nobre *descendencia* do Thomé Moleque) e na tarde de segunda feira, 8 do corrente, sabendo que Cyriaco tinha estado com outros no largo da Cruz do Cosme em uma venda, preparou-se e mais tres companheiros armados para o prender; deste conflicto resultou o assassinato.

—O policial Monção é dos peccados!

—Em achando monção, faz das suas.

—Arromba portas de mulheres para deitar para fora quem está dentro; de patrulha prende os negros e exige quatro vintens e meia pataca, etc.

—E eu não sei seus superiores como ainda não souberam.

—Hontem, 11, subia a ladreira do Carmo e vendo uma moça na janella, encostou, e em termos claros fez-lhe certa proposição onde as regras do pudor não entrava como condição.

—Sem duvida entendeu que por ser em loja não morava gente honesta.

—O irmão da mesma, guarda nacional aquartellado, advertiu-o que sua irman não era dessas que elle procurava; mas Monção em lugar de aceitar o conselho, arreminou-se; quiz prender o dar pancada.

Apasigou-se o sarceiro; ja ninguem delle

se lembrava, quando o brioso policial, mais exultado talvez, dirigiu-se para a Correcção e á frente da guarda foi desafiar o irmão da insultada que allí estava de serviço!

—São umas perolas esses agentes da força publica!

—Não ha religião que tolere mais abusos do que a catholica, apostolica romana.

—Eu não sei si é pela ganancia dos padres, ou por que é.

—Cobrem de ridiculo a egreja de Jesus Christo, essa egreja que considera como impedimento ao sacerdocio o ser physicamente defeituoso ou muito feio, afim de evitar o ridiculo; entretanto que consente individuos maltrapilhos, exhalando vapores oriundos de immundice e cachaça, pelas ruas da cidade com uma estampa fazendo meio de vida.

—E outras muitas sacrilegas e porcas especulações em affronta a pureza do catholicismo.

—Veja até onde chega a sordidez.

Os jornaes da cõrte publicaram o seguinte annuncio, que o bispo daquella diocese em sua missão pastoral não se occupou em estigmatizar:

«CATACLYSMA.

«As pessoas que se quizerem livrar da
«formidavel catastrophe que está a chegar,
«devem procurar Nossa Senhora da Conceição
«Apparecida, que ja fez muitos milagres
«no Brasil, e a qual se venera na sua capella
«da cidade de Guaratinguetá. Troca-se
«a imagem por 1\$ rs cada uma na rua de
«S. José, n.º 28, loja.»

—Livrar-se da formidavel castrophe por 1\$ rs., é barato!

—E' consentindo dessas que elles são o sal da terra e luz do mundo!

—A companhia do olho-vivo está muito estendida.

—E cada vez se propaga mais.

—Ha nella porem uma classe mais perigosa do que quanto *golpista* ha.

—Qual é?

—A das testemunhas falsas.

—Ah é verdade.

—Ajunta-se na porta do forum um bando de corvos a farejar quem tem questões e por tres mil reis, deitam um homem no inferno.

—Entre estes prima um celebre Sr. Vital.

—Oh, o Sr. Vital é um homem universal, não perde boda nem funcção, nestes casos.

—Brigam doús individuos e certos sujeitos apresentam-se para jurar como foi; ha uma questão de dividas e as mesmas caras a jurar o trato como se fez; um homem vem de de-

traz do ceu e quer vender um escravo, os mesmissimos sajeitos vão jurar a posse e dominio!

Arre! assim é demais!

—Assim, quem quizer fazer mal a outro, não tem mais do que chegar na porta do forum com 12\$ ou 15\$ rs e está prompto.

—Me parece que está na alçada dos juizes mandar encharcar essa canalha da porta do templo de Themis.

—E até recusal-os, pois não é possível que semelhantes homens estejam ao facto de quasi todas as transacções, tratos, questões que se dão.

—Pode vencer, mais no conceito publico a parte que apresenta como suas testemunhas semelhante gente, pleteia uma causa má.

—O diabo tanto as arma que até um dia dá com a geampiola abaixo.

O exemplo do Theodoro José do Couto e João de Carvalho Araujo, que por egual motivo estão com os ossos no chilindró não os escarmentam, lá virá um dia em que mettam o rabo na ratoeira.

—O feliz inglez James Taylor, o machinista do encantado vapor *Moema*, construido para o recreio dos presidentes, requereu isempção dos direitos de 3 por cento sobre seus vencimentos e foi attendido!

—E até se lhe mandou indemnisar de todos os atrasados!

—Está direito; imposto so é para o empregado nacional.

—Eu não crimino o inglez; a culpa tem quem desceu a assignar um contracto illegal e oneroso com elle.

—Prejudicando a um filho do paiz.

—E aos cofres; por que paga-se ao inglez o duplo do que se pagava ao brasileiro, que tinha acabado de servir na guerra.

—E ainda se sujeitaram as imposições que elle quiz.

—Por isso é que *elle* altaneiro ameaçou com uma acção de perdas e damnos quando quizeram descontar-lhe a porcentagem.

—Muita patota ha nesta terra! O machinista de um vapor ganhava ordenado a bordo e salario como artista do arsenal de marinha!

—Pobre povo! sugam-te o sangue e com elle praticam quanta bandalheira ha!

—Em resumo: em tudo que o homem quizer hão de concordar com receio de suas ameaças.

—Até o presidente da provincia cedeu as exigencias do altivo inglez e o poz fora da acção da lei; como si o dinheiro que elle recebe não fosse da nação e portanto sujeito ao desconto do imposto.

—Eu si fosse elles mandava-os até carro-gar.... agua n'um cesto.

À PEDIDO

—Venha cá, Sr. maganão.

Então, como foi a respeito do sebo?

—Deixe-me, homem; nem fallar nisso é bom. Eu estava comendo com muito gosto, porem no meio engasguei me e si não chamo por S. Braz, a cousa estava ruim.

O que valeu é que o homem teve pena e não quiz me fazer mal.

Não sabe elle que no mesmo dia estava eu tratando com um moleque da casa para me trazer uma chave do lugar em que fica o genero para mandar fazer outra igual, afim de se poder tirar com mais facilidade não so o sebo como outras cousas que ja era de costume, bem como sabão, aguardente, etc.

—Pois meu tratante, não continue, que ao passar no ribeiro pode cair; lembre-se que seu socio veio de lá ensopado com um pinto.

—Mais, Sr. capitão, eu mudo de caminho; venho sempre pelo trilho do Castro.

—Então, continue, que sua taberna ha de ar por agua abaixo, como si fosse de meninos.

—Não me masse.

—Amassado precisa ser V. para não ser são capadocio.

—Si havia de ser eu, antes fosse o não me masse.

—De que inferno sabiu V. hoje com este maldicto não me masse?

—V. é que não percebe.

Não me masse é um negociante quebrado, convertido em monopolista, na cidade de Nazareth, o qual atravessa toda farinha que vem ao mercado para depois impor o preço que quer.

—Quem é esse bruto?

—Um ambicioso desmarchado, um egoista que quer abarcar o mundo com as pernas.

—Pois elle que não se agente, que ha de ter o prazer do muxingeiro ir fazer-lhe uma visita.

—Capitão, dá-me um pouco de attenção?

—Toda quanto quizer.

—O Sr. Camillo Lopes Villas-boas, é um bom vivante, desses que entendem que devem tomar estado, sem contarem com achego algum.

Uma moça, que vivia feliz na companhia de sua mãe e seu irmão, acreditando nas apparencias, persuadiu-se que o Sr. Villas-boas era um homem a quem ella podia unir seu destino.

E casou-se.

Braço cortado não tem remedio.

Espancada, maltratada, morta a fome, retirou-se para a casa de sua mãe com uma filhinha. Abi adoeceu de um pontapé que lhe dera o mal-casado e morreu de uma apoplethia.

Ficou a menina entregue a sua avó, sem que o desalmado pae se lembrasse que era morta ou viva. Agora, porem, na quarta feira, 3 de corrente, pelas nove horas da manhã, Camillo acompanhado do subdelegado da Victoria entra em casa de indefeza mulher e aranca-lhe a neta dos braços, sem mais preambulos!

—Rapaz, o homem como pae, tem todo direito de reclamar sua filha.

Pelo que V. diz eu apenas o que acho é um excesso d'authoridade da parte do subdelegado, por que semelhante caso, em minha opinião, é todo da competencia do juiz de orphãos e a policia nada tinha que fazer nelle.

—Para ali mesmo é que eu ia.

—Suas reflexões são inuteis; hoje ninguem se entende; cada um faz o que lhe dicta a cabeça.

—Que novidade foi uma dada no quartel do Tororó?

—Já não sabe?—são desmandos e deleixo que quasi sempre passam impunes.

E que quem procura evital-os é que fica mal.

—Justamente e julgo foi o que se deu com um honrado fiscal da municipalidade por ir ali mulctar por inexactidão nos pezos e balanças onde se peza capim; tanto que ouvi dizer ter sido o fiscal suspenso, a multa relaxada, e dizem, que ainda continua a pezada do capim na mesma balança sem fiel, e os pezos são de pedras!

—Bom! são progressos; e por que continua tal escandalo?!

—Por ser secreto aquelle quartel, como disse, S. Ex. servindo de presidente (illustrissimamente fallando) e como o seu nome seja do pai da pobreza vindo do monteiro, ja vê que devê ter equidade com os seus confrades.

—Bem... conheço-o perfeitamente, e creio que por esse serviço e pelos das fontes onde se vê gravado o nome de Chiquinho, mas, justerá a um logar nas bancadas da assembleia provincial da cidade de Latronopolis.

—Capitão, cha-me a attenção dos fornecedores de capim do quartel em questão. para que não aceitem reclamações, pois a balança que lá existe não é para verificar a pezada do tal capim, e sim para dividil-o pelas praças (animaes) como dizem os officiaes.

—Mas capitão, louva ou não o procedimento fiscal?

—Pergunto tambem a^a illustrissima —por que eu, muito e muito louvo-o, tanto que direi: continue o probo Sr. Padorno, que ser-lhe-ha feita a divida justiça, embora uma só andorinha não faça verão.

—Ao ver a audacia de certa gente, descreve-se que nesta terra haja policia.

—Pois ellaahi anda bem activa e precavida.

—O arrojo com que os ladrões de toda especie assaltam a fortuna alheia, os sub meios cavilosos, os subterfugios, que empregam em seus planos para arrancar o alheio, a face das authoridades e a impossibilidade em que estas se conservam, é realmente de pasmar.

Incrível pasmaceira se apodera daquelles que são incumbidos de executar a lei e o espirito perplexo vacilla sem saber a que attribua tanta desidia; si ao deleixo ou a connivencia.

—E' por que tres vezes nove são vinte sete; quem matou o cão foi o Baeta.

—O jogo, que é terminantemente prohibido pela lei, ostenta-se garbosamente entre nós; não se faz mysterio.

Por espaço de trinta dias, nos Afflictos, jogou-se descaradamente, as cancaras, na face da policia; naquelle campo, sob a capa de uma festa consagrada ao culto de Deus, reinou a mais hedionda bacchanal; os sentimentos religiosos deste povo foram traduzidos pela orgia e apotheose ao vicio.

—Moralidade da epocha.

—Robou-se, brigou-se, empalmou-se e a policia dormiu!

—E viva a patria! quem ganhou, ganhou; quem perdeu, perdeu.

—Que a policia, quando trata de uma vinganca eleitoral, não tão prompta em invadir sem escrupulo, alta noite, a casa do pacifico cidadão, se arreceie de ir perturbar em suas empalmações isso que se chama *roda alta*, com a desculpa de ser casa particular, pode passar; mas que consentisse que um individuo fosse para os Afflictos armar um barracão e ahi, aos olhos de um publico moralisado, assentasse o estendal do vicio, convergindo para elle a mocidade inexperiencede, não se pode comprehender.

—Isso é pela cartilha velha; o jogo hoje denota civilisação.

—E para cumulo de immoralidade, que a policia consentisse aquella horda de espertos encantonados no seu antro de perdição, com um individuo á porta para obstar a entrada aos *entendidos na materia*, que lhes podiam servir de estorvo, ao *depenhar* os incautos.

E' muita depravação!

—De tolos que eram elles.

Mas dizem que o dono desse tremedal de nada arreceia por ser *janizaro* da situação; e dos que mais se distinguiram nos traques atirados das galerias da assembléa provincial.

—Ainda hoje e manhan, ultimo dias da festa, haverá jogo em louvor ao Senhor dos Afflictos e a Virgem Mãe de Deus do Parto.

—E é provavel que continue; quem o impede?

—E vós, ó mocidade, não ide entregar vosso dinheiro a esses abutres que vos querem depenar. Olhae com asco e desprezo para elles.

Olhae pára aquella meza em torno da qual se agrupam individuos de todas as cataduras, com soberano desdem. Vêde alem occupando a cabeceira a *fraude*, o *roubo*, a *ambição*. Com que sorriso satânico ouvem aquellas viboras o tinir do ouro parado sobre uma carta; com que gargalhada infernal applaudem a fraude e o sortilegio com que o *banqueiro* se apodera do dinheiro do inexperiencede! Vêde bem, o que ha de diabolico em tudo isto.

E quereis saber onde foi havido esse ouro, esses bilhetes do thesouro, que giram sem cessar das mãos deste para aquelle, e que voando como por encanto para as algibeiras desses monstros de nova especie?

Foi tirado ao lar paterno as occultas com chave falsa; foi havido das mãos do agiota, a juro desproporcionado e terrivel; foi obtido por uma falsificação de firma apresentada a desconto; foi roubado á mulher honrada, á filha virtuosa, á irman honesta, que em casa mendigam o pão quotidiano no labor incessante da agulha e do trabalho que não deshonra.

Eis d'onde provém todo esse ouro:

Vêde aquelle joven que chora o dinheiro que perdeu, e do qual tem de dar contas no dia seguinte. Aquelle outro que vae mendigar uma pequena quantia do proprio que lhe ganhou grossa somma, para poder mitigar a fome no dia seguinte.....

—E tudo isso no centro de uma sociedade com fóros de civilisada!

Em face das authoridades!.....

—Fujam os incautos, desses lupanares hediondos, ja que a policia não se importa... Fujam; envenena o ar que ahi respira-se: fujam, que a deshoura e a infamia são inevitaveis.

O INCENDIO DO GUME.

Tu, Marilia, és vingativa,
Porque agora ao *cume* vens,
Si o matto do *cume* abrásas,
Com o odio ao *cume* tens?

E's cruel; mais eu to juro
Que Cupido ao *cume* vae,
E quo logo pressuroso
O fogo do *cume* sahe.

Eil-o ali; fujamos todos.
A setta no *cume* crava,
Beu l'oi go escutou se o echo
Dos berros que o *cume* dava.

Eil-o ali! sorri contente,
O fumo do *cume* espalha,
C'um machado o *cume* corta,
As chainmas do *cume* atalha.

Traz na mão grande seringa
N' um esguicho o *cume* allaga,
Oh! prodigio! n'ums instante
O fogo do *cume* apaga.

Rocamble.

VARIÉDADES

VEJAM QUE AUTHORITY POLICIAL.

Lê-se no *Cearence* de 20 abril do corrente anno o seguinte officio:

«Illm. Sr.—Subdelegacia da Serra de S. Pedro, 9 de dezembro de 1868.

«Fais vergonha mandar dois recurutas morando eu em um districto de tanta gente porém este povo parece que advinha fiz touda delegencia afim de mandar mais porém não pode obter este gosto ficando V. S. certo que fico delegenciando os recurutas são os seguintes Antonio Agostinho e Antonio Pereira de Alencar, *gente adversarios do nosso partido* são bons e sadios; Antonio Pereira de Alencar deu uma *facadinha* porém eu *perdui* pois elle disse que se lhe *perdua-se* elle hia para ricuruta e eu *perdui*. Deus guarde a V. S. *João Evangelista do Espirito-Santo.*»

Um joven principe, tendo frio na caça, disse ao seugovernador: «Dai-me o meu manto.

—Meu principe, disse este os komens de vosso nascimento nunca se devem expressar na primeira pessoa, como os de uma ordem inferior. Quando fallam de si mesmos, servem-se sempre no do plural. Por consequencia era preciso dizer: «Dai-nos o nosso manto.»

Aguns dias depois, n'um violento accesso de dôr de dentes, o principe lastimava-se com vivacidade; porém lembrando-se da lecção que tinha recebido, exclamou:

—«Ah! o nosso dente! o nosso dente!

—O meu certamente não me faz soffrer, disse o governador.

—Bem vejo, replicou o augusto discipulo, que o manto è para nós, e o mal para mim.

Um religioso do certo convento foi pregar dia do Santo Antonio; e depois de ter elogia do muito o Santo, ainda não contente do que tinha dito, disse: «Amados ouvintes, tenho ainda a fazer-vos uma reflexão, tendes vós acaso ja visto, ou ainda podeis ver uma cabra no cimo de um outeiro espalhando caganitas para aqui, caganitas para alli, caganitas para acolá? Pois attendei e sabei: os milagres de Santo Antonio, ainda são mais bastos, e mais multiplicados.»

Conta-se:

Um cura de aldeia, muito apreciador de carne de porco, adoeceu gravemente e quasi que faz viagem para o outro mundo.

Restabelecido afinal, disseram-lhe que o uso de carne de porco é que tinha occasionado mal tão grave. O Rvm. pensou no caso e um dia em que pregava as suas ovelhas, disse-lhes:

—Sabeis quaes são os inimigos d'alma?.. Eu vol-o digo, são: mundo, diabo e carne de porco.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 124 e 125 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORITY DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Misericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no deposito da—**Vivandeira**—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto do João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 58

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 577.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
16 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que o famoso *Brim de listra* está fazendo proezas na Armação, sem que até hoje, apesar das reclamações, se tenha dado providencias para alliviar a população de semelhante flagello. Esse malfeitor, além de atacar as ganhadeiras para roubar, leva o criminoso arrojo a querer forçal-as a satisfazerem-lhe os carnaes appetites.

Ha poucos dias, vinha um Sr. Hilario empregado no arsenal de marinha com tres senhoras, uma das quaes grávida, a qual por, seu estado, caminhava um pouco mais atrazada. Ao passarem pelo logar denominado Valla, sahiu-lhe o sicario em frente; porém ao avistar mais de uma pessoa, correu.

Em consequencia do susto e de uma queda, a senhora começou a deitar copioso sangue até dentro da cidade, onde abortou.

Cumpre observar que na Armação não ha segurança, até por que a autoridade policial fica muito distante do local, e por tanto sua accão é improficua; havendo apenas um creoullo, analphabeto, que serve de inspector de quarteirão.

A vista do que, renova-se a S. S. o pedido de providencias para a captura de um individuo que tráz todos por alli aterrados.

—E' uma lastima a falta de moralidade que sente-se nesta terra!

—E' preciso andar-se de olhos fechados para não presenciar tanta obscenidade!

—V. está se admirando! quanto mais se visse o que eu vi no sabbado.

—O que podia ser mais do que esse accervo de indecencias de toda especie que a cada passo patenteia-se pelas ruas da cidade?

—Ora!

No sabbado, eu vi com estes olhos, que a terra fria ha de comer, um homem, nù em pello, andar pela Calçada e Bom-gosto?

—De dia?

—Com o sol em pino.

—Que escandalo!

—E ninguem lhe foi ás mãos, apesar de todos admirarem o painel.

Entrou na padaria do Chamusca, e la esteve quebrou duas prateleiras; depois sahiu, arrebatou de um homem o guarda-sol e seguiu viagem cobrindo a cabeça e deixando *tudo mais á vista*.

—São destas cousas que parecem incriveis.

—Foi cousa que só os cegos não viram.

—Está que a policia sem ser cega não viu; pois que não havia de consentir tamanha deshonestidade.

—E' que ella é uma fructa rara que não se vê em toda a parte.

—Mas por fim que destino teve o homem nù?

—Eu tinha mais o que fazer; deixei-o la

provocando a estupefacção geral, obrigando as janellas das casas a fecharem-se e não sei do resultado.

— Isto não tem cabimento!
É um procedimento iniquo!

— O' lá, V. por aqui?

— Deixe-me; estou seriamente indignado.

Si sei não passava por Detraz do muro das freiras.

— Tere algum encommo?

— Não deixei de ter.

Vê aquella casa que fica defronte do pedaço de muro cahido?

— Sim.

— Quem mora nella?

— Não conheço.

— Pois dalli acabam de praticar a acção mais malevola que dar se pode.

— Posso saber o que foi?

— Si poder!

Passava um menino com uma caixa de comida, e d'alli uns *creancos tamanhões*, por divertimento, *estumaram* um caxorro sobre elle.

O feroz animal, um caxorro preto de colleira ao pescoço, investiu, atirou o menino ao chão, quebrou-lhe os pratos e mordeu-o em diversos logares, inclusive o rosto.

— Que gente mal-inclinada!

— Porem o que mais me indignou foi ver que uma mulher, querendo livrar a victima das garras do feroz animal, atirasse-lhe duas pedras e um homem sahisse tomando as dores pelo caxorro!

— Está direito!

Elle que apoia a seu caxorro e a seus filhos ou o quer que sejam, é por ser tão bom como elles!

— É o diabo! Sahe um homem no domingo para disfarçar as fadigas da vida e encontra logo uma contrariedade destas.

— É verdade; só um santo pode ver impassivel tamanha prova de perversidade.

— Vivem os homens a se trucidar mutuamente por qualquer dá cá aquella palha!

— Pela minima coisa fazem uma bixa de sete cabeças, e quaes lobos encarniçados querem se devorar.

— Pela mais simples divergencia vão á vias de facto e cada qual procura tirar a existencia de seu semelhante, como si a vida do proximo fosse uma coisa de pouca valia.

— A ignorancia do povo tambem concorre para essas scenas de ferocidade que depõe contra os instinctos de humanidade.

— Está que na freguezia de Santo Antonio, segundo districto, deu-se, ha poucos dias uma

dupla desgraça sem carencia, por que ambos os contendores tinham o recurso na lei.

— Mas o que foi?

— Dous homens que cutilaram-se.

— O motivo?

— Um delles tinha uma plantação de cannas, e o filho do outro, seu visinho, gostava de ir a ellas de quando em vez. Um dia o plantador pegou o bolicoso em seu quintal e castigou-o um tanto asperamente. O pae deste armou-se de espada, foi á porta do visinho desafiou-o, o qual saltou para a rua com a sua durindana, e pegiram-se.

Não foi nada não, ficaram de parte a parte, cutilados e um quasi com a mão decepada.

— É um gosto bem reprovavel. querer tirar aquillo que não se pode dar.

— Aquelles homens estão com o diabo na pelle!

— Eu creio que elles tem outra coisa na cabeça.

— A noite é propria, o sabbado faz-se notavel pelo infallivel mocotó á meia noite e por estas *balernas*, quase todas em honra de Baccho.

— Mas é preciso que estejam muito esquentados aquelles espiritos, para estarem seis individuos á cavallo, em furioso galope a subir e descer pelo adro da igreja da Sé!

— E depois largam-se com estrepitosa vozaria por ahi a fora, voltando logo após.

— É uma temeridade estar a subir e descer tantos degraus a cavallo.

— E acho que é uma falta de respeito. Pois na porta da igreja é que acharam para fazer sua orgia?

— Que da policia que não vê isto? Gritos desabridos incommodando o suego e ultrajando a decencia, patas de cavallo no atrio sagrado de uma igreja?

— Quer saber á policia onde está? Descança das *assissalut* fadigas do dia, dorme o somno da *innocencia*.

— Assim tambem o padre ralha!

Nem por ser no coração da cidade, na porta da primeira freguezia!

— Este povo quer imitar os abyssinios que adoram o sol quando nasce e o apedrejam quando está para recolher-se!

— Mas ao que vem isso?

— É que o povo, que tanto applaudiu ao Sr. Carlos, director do Circo Olimpico, rasgou no domingo, o panno do barracão e deu-lhe uma pateada.

— Não foi o povo que rasgou o panno, lhe informaram mal, foi um paraguayol!

— Mas o povo achou bonito, tanto que o apoiou, por ter assim procedido.

—V. não devo classificar do povo meia dúzia de capadócios que lá estiveram fazendo anarchia! A arvore, por muito bons e sabrosos fructos que dê, lá vem no meio um amargoso, por conseguinte não se deve classificar os capadócios como povo.

—Acceito a emenda!

—Estes padres!

—O que tem os padres?

—Já estão ajustando missas para o dia de Nossa Senhora da Conceição.

—Estão no seu direito.

—Então estão no seu direito de impor preço ás missas que tem de celebrar?

—Oh, meu amigo, o medico põe o preço em suas visitas, o bacharel em seu trabalho, assim como o marceneiro, o calafate, o pedreiro, etc., etc.

—Mas o padre deve receber pelos actos religiosos que celebrar aquillo que se lhe der como uma esmola!

—Eim? Já se lá foi esse tempo, meu charo! Cada um no seu officio.

—Porem artista nenhum pede exorbitancia pelas suas obras, como pede um padre por uma missa.

—Cinco mil reis por uma missa não é exorbitancia.

—Hum? cinco mil reis?

Pois eu fui contractar uma missa com um padre para o dia da Conceição, e disse-lhe que dava vinte mil reis, e elle regeitou, dizendo que já tinha engeitado quarenta!

—Safal Bem mal fiz eu em não ter me ordenado!

Que *mangelorum!*

—E como hão de elles sustentar trez e quatro *comadres* si não fizerem assim?

—Mas é um desaforo negociarem desta maneira, servindo-se para isso do nome de Deus!

—No tempo da inquisição era peor: elles serviam-se do nome de Deus para matarem o proximo.

—E era uma *lei santa!*

Perdão para elles, meu Deus, não sabem o que fazem!

—Dá-se brinquedo mais estúpido?

—Do que qual?

—Deus guardas de artilharia que, na sexta feira á noite, munidos de uma cumprida rêde andavam a laçar a gente pela rua.

—Uma gracinha bem pesada.

—Punha-se um n'uma extremidade da rua e outro na outra, e depois largavam a correr.

—O commandante deve indagar e punir.

—Si elle for a panir, tem de corrigir muitos desmandos no seu batalhão.

—Que acção brutal!

—Na verdade é uma desshumani hde.

Esbofetear e espancar por aquella maneira a um pobre cego!

Sejam quaes forem os motivos, nada authorisa a proceder desta forma com um ente cujo estado inspira compaixão.

—O motivo é bem frivolo.

Um dos filhos deste damnado, persegue constantemente ao pobre cego e este desesperado bateu com a exhibata e succedeu que pegasse no menino.

—Ora essa! Cria seus filhos malcreados e quer que se os soffra!

Quem é esse valentão?

—E' um portuguez de nome Seraphim, appellidado o paraguayo pela predilecção que vota a este povo contra o Brasil.

Mora aqui mesmo na ladeira da Mizericordia, onde acaba de proceder tão vilmente; o cego chama-se Silvestre.

—Em outro paiz, um acto deste, dado as 2 horas, em logar tão publico, não ficaria impune; porém aqui o desgraçado é quem fica com os beiços quebrados.

Á PEDIDO

—Ora ouçam esta do *Agostinho*:

‘O *casaca da policia* mandou chamar a sua presença a amasia do gaiteiro; mas, quando chegou o ordenança, elle estava em casa della vestindo-se. Logo que o ordenança fez a intimação, elle ficou veixado e disse:—*diga ao Dr. que eu vou me entender com elle.*

Um amigo seu que estava ahi n'essa occasião, disse-lhe que aquillo não parecia bem, ir elle a presença da authoridade por parte da sua *pecora Ursulina*, visto como era um homem casado.

Sabe o que havia de responder, com o maior cynismo?

«Não faz mal; o *cabeça da policia* tambem vem aqui nesta casa junto *conversar* com uma creoulinha que ahi tem!»

—E' então, meu charo, si não fosse elle dizer isso, V. não sabia que o *cabeça da policia* era irmão de S. *Benedicto*?

—Ora vá *bugiar!*

—Capitão, quem é a tal S.... branco de que trata o n. 574?

—E que te importa isso?

—Nada, capitão, quizera saber si é uma sujeita cá do meu conhecimento, moradora na Calçada.

—Ja te disse que nada te importa isso.

—Mas, capitão, essa sujeita (si é a que penso) ja morou na rua direita da freguezia dos Sanhaços; é uma vibora que appellida as cunhadas por nomes injuriosos, e diz que o casamento de qualquer d'ellas trará em resultado serem o que ella é e foi.

—E quem te deu semelhantes informações?

— Ora, eu tenho um *correio* que vem de *Santo Ignacio* e passa por *Gouveia*, que traz-me todas essas noticias.

—Safa-te d'aqui; que começo a crer-te um advinhão.

Manuel de Jesus Pinto, vendo um annuncio no *Jornal da Bahia*, em que seu ex-socio Braz Ribeiro de Castro diz que dissolvera amigavelmente a sociedade que com o mesmo tivera em uma taverna n'Agoa de Meninos, vem por sua vez declarar que não foi tão amigavelmente, como diz seu socio; visto que, tendo o annunciante trabalhado nove mezes, sahiu com prejuizo, por ter no balanço o passivo da casa entrado pelo capital; cousa extraordinariamente singular em uma casa de molhados que vendia para cima de um conto de reis por mez!

Aproveita a occasião para fazer publico que em nada lhe dizem respeito certas publicações, de que ultimamente a imprensa tem se occupado, a respeito de compras de sebo roubado, ignorando igualmente a quem ellas se referem. Bahia 13 de novembro de 1869.

—Manuel de Jesus Pinto.

CHAMAMOS A ATENÇÃO DO EXM. SR. COMMANDANTE SUPERIOR, E EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

No domingo 7 do corrente, tendo de dar o 1º batalhão de artilharia uma guarda de honra para o funeral de um tenente reformado do exercito, teve ordem o capitão Santos Pereira, do capitão mandante, para que a guarda marchasse com 30 praças e para isso deu ao mesmo capitão que estava de estado 90 cartuxos.

As 3 horas chegaram as praças que tinham sido avisadas, e apresentaram-se umas quarentas e tantas, dando ordem o official de estado ao 1º tenente Elizeu, commandante da força, que marchasse tão somente com 30 praças, que era a ordem que tinha e o cartuxame para tres descargas.

Respondeu este desrespeitosamente, que não marchava sinão com 40 praças, pois era a ordem que tinha do mandante; travou-se grande insubordinação entre as praças; o tenente Affonso e o capitão Reis, os quaes estando a paisano foram fardar-se e armar-se;

houveram trocas de fallas bastante acres e doestos insultuosos e a maior falta de respeito, a ponto do official de estado recolher-se ao estado, e a guarda sahiu com toda a força presente; depois do que o tenente Affonso foi ao estado e ahi dirigiu palavras azeñas ao capitão Santos Pereira; este vendo-se desrespeitado sahiu fora do estado para repellir e a não ser a prudencia de um capitão, homem de respeito e indole pacifica que deitou agoa na fervura, a cousa ia adeante.

Ha quem diga que a falta de energia no capitão mandante dá origem a tudo isso; principalmente na ausencia do commandante que tem deixado de ir ao quartel desde sexta feira.

Na volta da guarda, houve outro motim peor; chegando a insubordinação a darem vivas e morras e havendo até espadas e baionetas fora. A final o official de estado vendo-se desprestigiado cedeu.

A noite houve samba, cantatas de Reis, pedradas pelas portas etc.

Alguns officiaes concorrem para o exemplo de tão pessimo estado de cousas, havendo até quem se apresente em cerdulas no quartel.

No dia 9, depois da meia noite, houve samba, pratos e palmas até de madrugada, e o subdelegado que mora no fundo do mesmo quartel pode affirmar a exactidão disso.

Semelhante estado de anarchia deve cessar e é o que espera-se de Ss. Exs.

VARIEDADES

PRESENTE A UM PROCURADOR.

O cardeal Dubois tinha um procurador asaz conhecido por suas ladroeiras que lhe fazia na administração dos seus bens. No primeiro de janeiro veio o procurador dar os bons annos a Sua Eminencia, e esperando receber o brinde com que o cardeal costumava galardoar aos seus servidores, ouviu da sua boca o seguinte cumprimento:—Sr. procurador, faço-lhe presente de tudo que me tem roubado.

DECLARAÇÃO

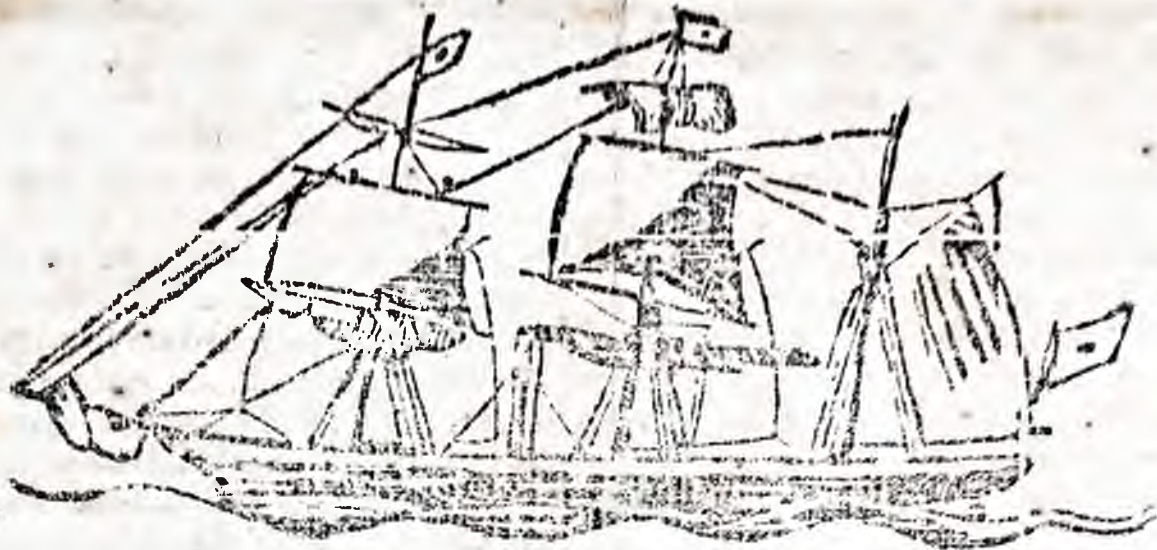
Distribue-se hoje as folhas 126 e 127 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

AMA DE LEITE.

Quem precisar de uma dirija-se á agencia do *Diario da Bahia*, que achará com quem tratar.

Vende-se um piano de armario, na Calçada do Bomfim, casa nº 15.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso.

Anno III.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

20 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 578 e 579.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
19 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia participando-lhe que, no Becco dos Bambús, á Calçada do Bomfim, freguezia do Pilar, apparecem todas as noites pedradas para cima dos telhados, o que traz os moradores d'ali em sobresalto, sem se saber quem seja o engraçado que assim procede. Pede-se a S. S. que empregue os meios precisos para descobrir o individuo, que se diverte em cauzar sustos ás familias moradoras ali, e talvez encontre n'elle um optimo recruta para o nosso exercito.

—Ao mesmo, insistindo em reclamar a presença de uma força no 2º districto da freguezia de Santo Antonio, em vista do estado de nenhuma segurança em que se acham aquelles logares.

Na tarde de 16 do corrente, o inspector de quarteirão João Peixoto, (desta vez foi um a gente da authoridade) armado de um facão accometten a seu proprio irmão Antonio de tal e fez lhe diversos ferimentos.

O facto aconteceu nas Areias, logar em que, dias antes, foi assassinado Martiniano Pires da Franca.

A vista do que, confia-se que S. S., reconhecendo a conveniencia do pedido, attende-la.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do curato da Sé, chamando sua attenção para uma escrava do Sr. Baruna, morador á rua dos Capitães, de nome Germana, a qual, segundo informam os moradores d'ali, profere em altas vozes palavras obscenas, ultrajando assim a moralidade publica, e isto e todos os dias, provavelmente quando seu senhor não está em casa. Espera-se de S. S. providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe a execução da postura municipal n.º 121, em relação ao morador da casa 71 ás Portas do Carmo, (o numero está apagado) junto a botica do Andrade, o qual infringe a disposição da referida postura cortindo pelles em azeite, de cuja mephitica exhalção a vizinhança sente os perniciosos effectos. Cumpra.

—Capitão, na segunda feira, festejar-se-ha, com toda pompa e solemnidade do costume, a virgem e martyr gloriosa Santa Cecilia, crecta no convento dos religiosos franciscanos, padroeira da corporação musical.

—Fico sciente.

—Luta-se com mil difficuldades!

—O povo nesta terra vive cercado de embarações.

—Vae-se á repartição do sello ou ao correio, gasta-se dois crusados em sellos, pucha-se por uma cedula de 1\$ rs., moeda do governo, e o empregado responde—*não tenho troco.*

—É vá um pobre por ali em busca de cobre si quer ser aviado.

—Entretanto, não sei o destino que se dá á immensidade de cobre que entra para taes repartições ás parcellas do tustão, dous tustões, palaca etc.

—Parece que ha proposito em atropellar o povo.

—Assim é outro desaforo.

O governo concede aos bancos faculdade para a emissão de papel moeda, authorisa a circulação do mesmo; e ao mesmo tempo prohibe que nas repartições publicas seja elle recebido!

Ha poucos dias, eu, que não sabia disto, passei por uma decepção.

Fui á meza de rendas com uma cedula de 25^{rs.} do Banco da Bahia; e depois de estar aviado, no acto de pagar, passei pelo dis-sabor de ficarem meus papeis penhorados por não ter outro dinheiro!

—Nunca vi governo mais incoherente e desarrasado!

—Si não é ventade de massacrar o povo, anda nisso alguma trapaçaria.

—É justo; de outra sorte não se pode conceber como é que o governo authorisa o curso de notas dos bancos e ao mesmo tempo se recusa a recebê-las!

—A camara municipal é *conservadora*?

—É cousa que não soffre contestação.

—Meu charo, quem conserva não destroe.

—Tira me de boa duvida.

—Assim, a camara authorisando o estrago das beneficencias municipaes, perde a essencia de *conservadora*.

—Agora aponte-me o que foi que já viu ella mandar destruir.

—Ora essa!

Quer acabar com as arvores do Terreiro, plantadas com tanto trabalho e despeza.

—V. vae desencavar cousas!

—A troco de 4^{rs.}, concede que os botequineiros armem suas barracas, mettendo as arvores ao meio.

V. deve lembrar-se que nos Afflictos, uma frondosa e antiquissima gazeleira ardeu por egual motivo.

—É exacto.

—Quando não haja incendio, concorde que em uma bodega destinada a apromptar moquecadas, carurús, vatapás e frigideiras, o contacto do fogo, deve causar grave damno a uma arvore em cujo pé esteja estabelecido o fogão.

—Tem carradas de razão.

—Alem do fogo, ha outras muitas cousas que podem prejudicar o arvoredo.

—Os *pisões*, por exemplo.

—Na terça-feira, os officiaes de uma fragata franceza do transporte, que se achava em nosso porto, vieram para terra e alugaram um carro, dos que estacionam no largo do Theatro, por dez mil reis.

Passaram uma tarde, inteira, e quando saltaram não quizeram pagar mais que tres mil reis.

O boleceiro exigiu a quantia pela qual tinham elles ajustado o carro; mas não quizeram dar e o ameaçaram com uma bofetada. Depois appareceu o major Miralho que a muito custo os accommodou, ficando o boleceiro sem ser pago.

—Esses insolentes, dizem, an laim até dizendo graças ás moças que elles veem pelas janellas, sem saberem o estado dellas!

—Mas vão para a França os officiaes da marinha brasileira praticar o mesmo para verem o que resulta.

—No entanto, si o povo, desesperado com esses insolentes, fizer uma de doido, ou os imitar em sua estupidez, a França ha de querer logo uma satisfação do Brasil.

—Isto não resta duvida que é para comer dinheiro do Brasil.

—Entretanto é bom pedir ao Sr. consul da França que lance suas vistas para a maneira por que se tem portado aqui os officiaes da armada de sua nação, visto que a França é uma nação poderosa e o Brasil uma nação fraca.

Eu espero de S. S. providencias que façam cessar esse abuso de seus compatriotas.

—Até os meirinhos andam pela cidade baixa fazendo *gamados*.

—É tempo de festa; cada um quer se armar.

—Hontem 18, tres officiaes de justiça, para *arranjar* dinheiro, pozeram em execução o seguinte plano:

Apresentaram se á creoula *Antonia das velhas* com um papel, dizendo-lhe que iam sequestrar-lhe uma escrava por causa de cento e tantos mil reis, que devia de alugueis á municipalidade.

—Como ideiam!...

—Mas que, si ella lhes desse 20^{rs.}, elles fariam a vista gorda.

—A creoula remexeu os bolsos e só encontrou 9^{rs.}, e, certos de que *antes pouco do que nada*, os gaviões da justiça contentaram-se com o que havia e alli mesmo fizeram o dividendo.

O caso, por mais que elles se esforçassem para passar desaperecebido; reuniu gente, e alguém lembrou-se do pedir o mandado para ver; o que lhes fez perder o modo de andar.

Depois, constá, apparecendo os Srs. ca-

pitão João Carvalho e Malaquias José dos Reis, os meirinhos sapatearam e fizeram norte.

— Levando os cobres da rapariga?

— Isso é velho.

— Ah! larapios!

Veja si um gatuno destes, achando 5\$ rs., não passa quantas certidões falsas quizerem.

— Anda na companhia do olho-vivo um sugeito que tem feito proezas.

— Quem é elle?

— Um Machado, portuguez, diz que foi caixeiro do hotel Figueiredo.

— E mais o que?

— Tenho ouvido contar delle façanhas admiraveis.

No proprio hotel Figueiredo tirou do dedo de um homem um anel, na cidade baixa de um hotel as Kollas do bilhar, na Praça dous pares de botinas, de um sujeito 5\$ rs., de um preto 10\$ rs. e outras cousas.

— Tambem é só de quem V. se occupa; miseraveis gatunos que andam empalmando ridicularias. De-me noticias dos ladrões aristocratas, dos negociantes fraudulentos, dos magistrados venaes, das authoridades concussionarias; estes são dez vezes mais perniciosos á sociedade do que essa rabugem que anda ahí a cata de matar a fome; muitas vezes, pela falta de meios de vida.

— Não diga isso, capitão, não ha privação por maior que seja, que authorise o homem a ser tratante.

— Venha cá, amigo.

— Prompto, Sr. fiscal.

— Mostre-me sua licença.

— Aquí tem.

Fui á mesa onde se recebem as rendas e paguei os direitos.

— Esta licença é para uma carroça.

— Sim, Sr.

— E Vm. tem duas. Está por tanto multado.

— Eu so tenho uma carroça, Sr.

— Não creio. Minha mulher affiança-me que lhe tem visto passar com duas.

— Acho impossivel; eu passo por Nazareth e não sei como o Sr., não morando ahí, ella pode ver-me.

— Deixemos de reluctancias; caia com 10\$ rs.

— Como, si eu não os tenho?

— Está bom; eu por ter pena de V. faço a cousa por metade. Venha 5\$ rs.

— Não tenho real, Sr.

— Homem, concorde commigo, veja se arranjanja ao menos 4\$ rs.

— Não tenho.

— Venha cá, eu não quero que me chamo malvado; va buscar 3\$ rs., e soma-se.

Acho assim melhor do que soffrer.

— E está ha de um homem dar dinheiro sem querer!

Ton e os 3\$ rs.

— Pode ir em paz.

— Que tal!

Si aquelle homem estava incurso em infracção, o fiscal tinha obrigação de executar a lei restrictamente; e si não estava, commetteu uma bandalheira extorquindo-lhe 3\$ rs.

— Mesmo que não pode reformar a lei, reduzindo as multas.

— Mas o que não ha de se ver nesta degenerada Latronopolis?

— Talvez V. outro dia não fizsso reparo.

— Em que?

— Na occasião em que um pobre cego era deshumanamente esbofeteado na ladreira da Misericordia pelo portuguez paraguayo Seraphim, passava o Sr. Farias, empregado da policia.

— Não vi.

Mas que lembrança foi essa?

— Nada; é que as vezes é bom referir certas bagatellas.

— Na instrucção publica, não pode haver specimem mais significativo.

— O que é isso?

— Um attestado.

— De quem?

— É um inspector parochial da instrucção publica que attesta o requerimento de um professor.

— Vamos ver la isso.

— Admire!

Atestu afirmativamente. S. Braz 10 de novembro de 1869. — Manoel Victorino de S. Anna. — Inspector Parochial.

— Que portentol!

— O Penedense publica o attestado, e observa á respeito o seguinte:

«Como é que se propõe para inspector parochial um cidadão que não sabe escrever a sua lingua? Desta maneira é que se pretende reformar a instrucção ja tão viciada e defectuosa?»

A PEDIDO

— Maxingueiro?

— Prompto, capitão.

— Que novidades temos?

— Nenhuma; so na volta de um passeio que

fui dar ao Bomfim, encontrei a S.... branco na janella, dizendo a uma de suas intimas que se não importava de ter sahido no *Alabama*, por quanto as pessoas para se tornarem celebres e importantes devem provar d'esse delicioso bocadinho.

Soube mais que a Sim Sim tem feito as todas com o perfumado e odorifero *Ferreiro*, etc.

Mais minuciosamente darei ao capitão outros detalhes a proporção que os for cobrindo.

SONETO.

(IMITAÇÃO.)

Deus me pede do tempo estreita conta;
E' forçoso dar conta a Deus do tempo;
Mas quem gastou sem conta tanto tempo
Como dará, sem tempo, tanta conta?

Para fazer, a tempo, a minha conta,
Dado me foi, por conta, muito tempo;
Mas não cuidei na conta, foi-se o tempo,
Eis-me agora sem tempo, eis-me sem conta!

—O' vos, que tendes tempo, sem ter conta,
Não o gasteis, sem conta, em passa-tempo;
Cuidae, em quanto ha tempo, em terdes conta!

Ah! si quem isto conta, do seu tempo.
Houvesse feito a tempo apreço e conta,
Não chorara, sem conta, o não ter tempo!

DISTURBIOS!

Será certo que, no Bomfim, em o dia 14 do corrente, dentro do vehiculo ou no ponto, por occasião da partida de um carro, houve grande disputa, entre passageiros e agentes da empresa; da qual resultou forte salveira, de murros, canelões e pontapés; andando tambem nas envoltas o Sr. Balloino, que só, teve a coragem de receber o choque da abordagem, por ter logo no começo do conflicto, fugido o valente commandante?!

Sendo assim, teremos ja a registrar até esta data dous factos, sobrevindos neste mez a empregados da empresa dos vehiculos, e seremos obrigados a enumerar todos quantos demais se derem, para ser tomado em conta corrente por quem compellir, sendo de mor-conveniencia, para se pouparem a taes admoestações, adoptar o louvavel parecer que lhes prestou, no *Jornal da Bahia* de 9 do corrente — o espectador — quando tratando das imprudencias dos conductores de gondolas, carros, e damnosos effeitos provenientes delles, fez menção do negociante austriaco Stael, que escapou de ser estrangulado por uma gondola, na estrada da Victoria, do que resultou perder o cavallo de sua montaria.

— Capitão, muito tenho que lhe contar.

—O que é, muxingueiro?

—Ora V. Ex. ja não soube o que aconteceu em dias da semana passada?

—Não.

—Pois ouça: dizem que a marajuda das Portas da Ribeira e Caes Doucalle, são os grandes alarmistas; porem vi ha dias nas milheques da samaritana Chapadista descompor e injuriar a uns musicos do corpo de policia, os quaes tinham ido a um enterro no cemiterio da Quinta, e no regresso deu-se o conflicto; a ponto de ameaçal-os com pontapés, e cabeçadas.

—O que fizeram os musicos?

—Nada, por que iam desarmados; porem dois que vinham muito atraz e armados chegaram em defeza aos companheiros e usaram do armamento. A ousadia, que lhes dá á panthera de sua senhora, tem dado logar a que elles pratiquem desacatos desta ordem.

—Que desaforol!

—Ella deu petição de queixa ao Sr. Dr. chefe de policia por intermedio do *quiabo duro*; foi a queixa entregue a subdelegado de Sant'Anna para pôr elle ser averiguado o facto.

—Pois bem; traz me a tal *Chapadista*, para lhe mandar passar uma sarabanda e obrigal-a a não dar tanto apoio ao atrevimento de seus escravos; pondo-os de costas quentes a insultar todo mundo.

Qual a razão de só serem reprovados em uma academia os estadautes de um certo anno?

Será por que somente os lentes desse anno saibam cumprir seu dever?

Dizem que não; pois que é até um dos annos em que os estudantes menos aproveitam, por que havendo uma materia toda de observação, o respectivo professor não sabe mesmo armar o microscopio, e a prova é que, quando tem de fallar nelle (por que de uzar não é capaz) manda pedir a um estrangeiro, estranho á academia, para lhe fazer o favor de armá-lo, dando logar com isso a ser ridicularizado pelos seus alumnos.

Os percevejos de minha filha.

—Ouça um passo de um homem honrado.

No dia primeiro de novembro, seriam 10 horas e meia da noite, de uma loja, bem conhecida pelo grandioso retrato estampado na frente da mesma, o qual foi tirado em *Guimaraes*, por um retratista *barateiro*, sahiram oito ganhadores conduzindo dois monstruosos caixões:

—*Corpo Santo* de Deus! o que iri dentro?

—Fazendas.

Acompanhei os ganhadores até certa rua onde vi fogo na entrada de um bosco, e para onde foram levados os caixões. Dahi ha pouco appareceu-me certo cujo o qual ficou transformado vendo que eu tinha presenciado tudo.

E sarapantado, como uma galinha choca quando sahe do ninho, poz-se a andar de um para outro lado procurando disfarçar a atrapalhacão que lhe causou minha presença.

Então eu indignado bradei-lhe:

—O' descarado, para que queres essas barbas de bafalo, que te chegam ao umbigo?

E' para te tornares mais conhecido?

Enches a bocca de homem honrado e acabas de pôr em pratica uma ladroeira.

Não te lembras que ja fizestes o mesmo no Rio, onde roubastes perto de oito contos de reis?

Mas, toma sentido; aqui a cousa talvez te saia mais cara.

Põe a bom recato aquelles tres bnhús de fazendas que mandastes para certa casa nas Portas do Carmo; vê aquelle caixão depositado na ladeira de *Santa Theté*.

Tua escripturação foi emendada para concordar com a bandalheira que fizestes; figuraste devedores que nunca existiram.

Olha ladravaz: o alheio chora sen dono; e tu queres passar a tripa forra usurpando e roubando, has de ter o castigo destinado aos ladões.

Jalgas que has de vender aquellas fazendas que mandastes para fora sucrateiramente? As providencias vão ser tomadas.

(Continúa.)

—Que endemoninhadas perús!

O fiscal não vê isto.

—Pois si elle é da casa!

—Então é por isso que a tal *Feliz menina* quer enxertar a ladeira do Aljube de plantas exóticas que vegetam a beira da praia?

—E note que a casa tem despejo, mais para não gastarem 50 rs em concertar o cano, que entupiram. fazem da rua cloaca.

—Sr. fiscal, advirta as suas conhecidas do n. 19, que não continuem a atormentar os narizes da vizinhança, fazendo da rua um pantano de excrecencias.

—Nesta casa de Banhos ha vistas de cosmorama?

Parece que ha *marmota*!

—Pergunte áquelle velho gaiteiro que é o dono.

—Está em seu direito em recrear-se.

O que é intoleravel é que a comitiva assume a portã da spelunca representando scenas que possam molestar a castidade.

—Pois é o que se deu ain la no sabbado.

E não contentes, passaram a pistolaria onde pzeram em exposiçã *certa prenda* paraense. E ministravam grande empenho em que todos a admirassem; tanto assim que quem passava e não ollava era chamado para ver.

—Creio que por uma graça destas ia dando-se um desaguizado; entre uma mulher e os taes destabanados.

—E' verdade. e ia-se tornando o caso serio porque o filho da dita, quando soube, veio tomar as dores pela mãe.

—Ora estes *mogoz da tita* si queren dar seus *beneficios* por que não dão ás occultas; Vão para dentro do banho ja que o irmão ral velho, dono d'elle, pactua com a patifaria.

—Capitão, venho queixar-me de uma especulação de que sou victima, assim como outros muitos companheiros!

—Estou prompto a escutal-o.

—Queixo-me de uma extorsão ao direito que tem cada um sobre sua propriedade.

—Pode dizer sem rebuço.

—Sou da classe da lavoura, e como em Lutronopolis não ha estrada de ferro, remetto o producto de minha cultura para a capital pela estrada de pau.

—Preste-lhe inteira attenção.

—Mas o que fazo chefe de um certo ponto?

Querendo favorecer a um trapicheiro seu amigo, por cujos lucros se interessa, deita contra-marea nos envoltorios dos generos e os faz seguir para o primeiro trapiche do norte, que em outras eras foi do Xixi, contrafazendo desta maneira a vontade dos donos.

—Qual o ponto em que se dá o dolo?

—Estou por saber; o que é exacto é que os generos não chegam á capital com o endereço que lhes dão seus donos.

—Assim nada se pode fazer.

—Eu vou á *Pojuca* a um amigo que soffre do mesmo damno, que talvez ja tenha descoberto e industrioso.

—Pois quando souber, volte.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar que lance suas vistas para a escandalosa jogatina que ha de noite em uma biboca de n.º 17, defronte do ponto das gondolas.

Do Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna espera-se providencias que ponham termo ás turbulencias commettidas por uma sucia de capociras que fazem do largo da Saude ponto de suas façanhas. Entre estes torna-se recommendavel o pardo Luiz, escravo, por andar sempre arma lo de punhal, que mostra por

garbo para inculcar valentia; seguindo-se-lhe um tal Benedicto, Possidonio, o Dativo.

Sr. Redactor.—Havendo quem me attribua a authoria dos escriptos que a respeito do batalhão de artilharia foram publicados no *Alabama* n. 577, digno-se a bem da verdade e para confundir miseraveis que querem envolver-me n'uma intriga odiosa, com o fim de acarretar sobre mim a animadversão da corporação daquelle batalhão, se concorri directa ou indirectamente para tal publicação.

Bahia 19 de novembro de 1869.

Sou, etc.—*Joaquim Cassiano Hypolito.*

Afirmamos que não.

A Redacção.

—Capitão, ha um quartel em Latronopolis que transformon-se em um alcouce de orgias e depravações.

—Que está me dizendo?

E' o que lhe digo.

O deboche e a crapula mudaram-se para alli.

Reina a insubordinação e o insulto aos superiores.

—Isso é relaxação; falta de força moral nos mesmos.

—Supponha V. Ex. que ha officiaes que quando estão de estado fazem mil diabruras. Isto é, reúnem a pandega e conservam-se como Adão e Eva no estado de innocencia, commettendo as acções mas desregradas.

Os guardas e tambores que são da *cuca* associam-se a rosquilha, e como si todos fossem *uns* em posição, comem, bebem e praticam os mais revoltantes escandalos.

Ao estoro da cerveja e ás libações do Figueira, dão-se actos que escandalisam o pejo e o pudor.

—Assim não pode haver respeito nem disciplina.

—E' o que succede; os guardas só obedecem a certos officiaes; os outros são desrespeitados.

A immoralidade vae a este ponto:

Estabeleceram uma *graça grosseira*, cuja pratica é fazer um accionado pouco decente e dar certo assovio ao mesmo tempo.

Outro dia dizia um official:

«Qual de Vv. é capaz de ir *galar* o commandante?»

«Eu, respondeu Miguel, que é um guarda pimpão, e caminhou impavidamente, passou pelas costas do commandante fez a gesticulação, deu o assobio correspondente e foi-se muito uphano.

—Isto é deponente n'uma corporação onde o respeito é a primeira condição.

—Miguel tem peito como *caranguejo!*

Vendo a noiva do commandante na janela, uma respeitavel senhora, disse-lhe:

«Adous, o' prima, o primo mandou lembrar.»

—E' grande attrevimento; não por ser a noiva do commandante; mas pelo acatamento a que toda senhora tem direito.

—E' para V. Ex. ver nesta pervertida Latronopolis como vae tudo.

Porém Miguel não sabia muito bem desta Pagon com jurros a insolencia.

—Eu creio que só um *parque de artilharia* em cada bocca de rua, inlreitava isto.

VARIEDADES

RECITATIVO.

OFFERECIDO AOS GUÁRDAS DE POLÍCIA POR UM SEU COLLEGA.

Eu sou policia, pelas ruas vago
De espada á cinta, por não ter emprego;
E os bregueiros quando vou passando
Dizem rosnando:—«sahe daqui morcego.»

Quando de dia, vou rondar as praças,
Ouço chalaças, para mais de um cento;
Nada respondo, fico mudo e quedo,
Não por ter medo:—é regulamento.

De noite fujo de passar por baixo
De algum sobrado que tiver saecada;
Porque bem pode vir qualquer gaiato,
Ou mesmo um gato, dar-me uma mijada.

Quando nas noites de luar ameno,
Cabe o sereno sobre o denso ven,
Uma saudade que conservo antiga,
Então me obriga a contemplar o ceu.

Depois, cansado de trocar as pernas,
Procuo um canto para me encostar;
E' justamente quando vejo ao longe
Um certo monge que me vem rendar.

E assim andando pelas ruas vago,
E tão mal pago de um serviço forte,
Com cara alegre, vou cumprindo o fado,
Que destinado tem a minha sorte.

Atè que um dia deixarei o masso,
Dando abraço na minha Felicia!
Então capote, cinturão, espada,
De cambalhada ficam na policia.

Embora o povo com desdem, malicia,
Chame o policia de ralé, canalha,
Não se faz caso do fallar dos loucos,
Ouvidos moucos, nunca dando palha.

Por tanto eu peço com pureza d'alma,
Bastante calma, com os taes paisanos,

Porque nem todos podem ser polidos
E atrevidos são menos urbanos.

Eu não consinto que me rasgue, a farda,
Embora parda, que se chama blusa,
Neste momento minha espada pucho,
Metto-a no bucho de qualquer cazuzal!

Adeus, collegas, não reparem nisso,
Que por feitiço vou viver errante,
Até que um dia eu seja lembrado
Mesmo rasgado por algum rondante.

E' PARA RIR.

Os grandes homens são para as grandes
Intelligencias, e por isso dizia Francisco Ma-
nuel que poetas por poetas fossem lidos.

Um preto tractava de um cavallo, e quan-
do foi um dia adoeceu o bom animal.

O Sr. chamou um alveitar e o digno dou-
tor olhou, viu e examinou o quadrupede sem
dizer palavra e recitando o que se devia fa-
zer, retirou-se.

O cavallo restabeleceu-se com as suas pres-
cripções, e eis por sua vez o negro de
cama. -

Chama o senhor um medico de nomeada,
o qual começa a interrogar ao preto o que
não sente e a fazer-lhe mil perguntas.

O preto, a exemplo do cavallo a nada res-
pondia.

—Então, paisinho, diz-lhe o senhor, não
tens booca?

Não sabes responder?

—Senhor, exclama o negro enfermo, este
medico não está bom; não presta; não sabe
nada; não faz senão perguntar; meu senhor
chame o que curou o burro, esse sim, olha e
vê logo o que a gente tem e não precisa o do-
ente ensinar a elle!

O medico riu-se e aconselhou ao seu clien-
te que com effeito aproveitasse o conselho e
chamasse o alveitar.

DESEJOS.

(LUNDU)

Si eu fôra um gatinho
De pello mimoso,
Unhinha comprida,
Miar magestoso;
Quizera miar
La dentro do vão
E a unha passar
Em teu coração,

Si eu fôra um cachorro
Pellado, tinboso,
Quizera ladrar
Em teu seio mimoso;
E nesse cantinho,

Nas chaminas arder,
Prescurando as pontinhas,
Para ellas lamber.

Si eu fôra um macaco,
Jocoso, chibante,
Quizera no cepo
Viver delirante,
Comendo—comidas
De tua mãozinha,
De olhos fitados
Em tua bouquinha.

Si eu fôra um ratiño,
De dente aguçado,
Quizera em teu peito.
Fazer um piccado
E nas noites chavesas
Subir a caminha
A roer os atilhos
Da tua meinha.

Si eu fora um mosquito
De muito veneno
Quizera picar-te
No rosto sereno...
E quando teus labios
Quizessem cuspir,
Labendo-lhes, á roda
Me punha a zumbir.

Si eu fora uma pulga
Outra cousa seria
Mordia, cocava,
De noite e de dia,
Quizera a escada
Subir, faceirona,
Da sala mimosa,
Em uma capona.

Mais eu não sou gato,
Cachorro, macaco,
Nem cousa que ao menos
Pareça com rato.
Mosquito, nem pulga...
Da vida esquecido,
Das jovens chamado
Por triste lambido.

Sou homem que choro
Meus dias de amor,
Passados out'ora,
Da fresca ao calor;
Sou homem que vivo
Pizando no barro...
Comendo pipocas,
Fumando cigarro.

O rei deve ser como o sol, que brilha para
todos, mas não deve ser como o sol, que se
deixa eclipsar por aquelles a quem allamia.

A policia deve ser vigilante como o gallo,

que dá o alarma continuamente, mas não deve ser como o gallo, que se recolhe logo ao anoitecer.

O empregado publico deve ser como o *lagato*, sempre mettido comsigo mesmo, mas não deve ser como o *lagulo*, que tendo pernas tortas, quer andar de botas.

O padre deve ser como o louva-deus, sempre voltado de mãos postas para o ceu; mas não deve ser como o louva deus, que, se torna ridiculo como os seus movimentos caricatos.

O militar deve ser como o leão, entre os fortes, e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sede no sangue dos seus inimigos.

UM PRETO E O SEU SENHOR.

— Meu senhor, eu vou comprar capim.

— Não precisa, rapaz, que eu hoje vou jantar fora.

TESTAMENTO DE UM ADVOGADO.

Um advogado legou toda a sua fortuna a um hospital de doudos. No seu testamento dizia: «Recebi-a dos doudos, e dou-a outra vez aos doudos.»

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 128 e 129 do —
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

A meza da devoção da SS. Virgem da Correcção, protectora dos artistas, que se venera na igreja do convento de S. Francisco, convoca aos Srs. artistas, e devotos, que como juizes de devoção eleitos na anterior festividade, segundo a publicação pelo orador ao Evangelho, queiram remetter seus donativos ao thesoureiro o Sr. Balduino dos Santos e Oliveira, em sua residencia, assim de que se possa deliberar a religiosa festividade, que terá lugar no domingo 12 de dezembro. O escripto. — *Mariano José de Araujo Santos.*

ATTENÇÃO, RAPAZADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortallas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author.

em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas, para candeeiros de gaz, folhinhas de L. emmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentin, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Misericordia, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no deposito da — *Vivandeira* — declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

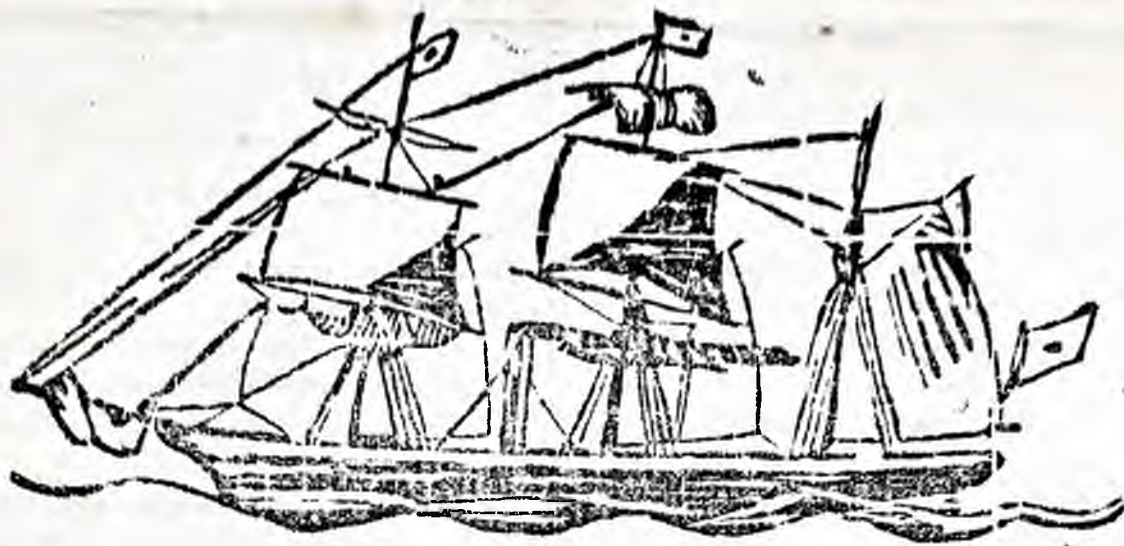
MONTE SOCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado — *Monte-Socorro* — estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

PUBLICAÇÃO CURIOSA.

Em consequencia do programma ja annunciado, o drama original em quatro actos, e dous quadros, e que tem por titulo. — *As espartezas de um genro. ou o cynismo de um frade*, váe brevemente ser dada á luz da publicidade, tendo por appendice a transcripção de todos os artigos publicados, e que dizem respeito a tres personagens do referido drama; e em seguida será publicada uma certidão e dous attestados de duas distinctas authoridades da provincia das Borrachas, relativamente aos actos de *moralidade de um frade da mão furada*, a causa de sua demissão de certo logar que occupava, e o motivo de deserção de um parcho da freguezia que lhe foi confiada, e mais tres interessantes, e valiosos documentos comprobatorios do *criterio, sinceridade, e firmeza de palavra* de mais dous personagens do mencionado drama. Portanto Srs. curiosos, e amantes da novidade, preparem-vos para correr ao encontro desse drama de nova especie, mesmo por que o preço convida, e é o seguinte, ad libitum para os interessados, amigos, e curiosos, e gratis para os pobres.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 58

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

24 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 580.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
23 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que continuam os disturbios no segundo districto da freguezia de Santo Antonio.

No dia 18, pelas 7 horas da tarde, Roberto de tal, pardo, roceiro, armado de formidavel faca, pretendeu matar a Querino de tal, tambem pardo, maritimo, na rua Direita da Cruz do Cosme.

Semelhante estado de cousas é mais que sufficiente para reclamar de S. S. uma salutar providencia.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que intime ao Sr. Lisboa, a quem o vulgo chama *macaco*, para que quanto antes metta para dentro o seu cano, ou esgotador, o qual innunda a rua e difficulta o transito publico; e no caso que elle recalcitre deverá immediatamente fechar-lhe a casa de banhos da rua Atraz do muro das freiras. Cumpra.

—Assaz deponente é o spectaculo que apresenta o pauperismo nesta terra!

—E' a miseria no seio da abundancia.

—Nos passeios das ruas, nas praças, nos adros das egrejas uma alluvião de mendigos, maltrapilhos, imundos, seminús, affrontam a

decencia e a moralidade e desdizem da civilisação deste paiz!

—Tanto dinbeiro que se tem tirado para a pobreza e ella ali anda pelas ruas encapando a ociosidade e a preguiça!

—E' triste ver esta terra com a qual a natureza foi tão prodiga, dando-lhe um clima benigno, um solo uberrimo, individuos moços e possantes estendendo a mão a charidade publica!

—Si o governo que devia dar impulso, permanece inerte; si não ha medidas restrictivas, contra a mandriice e especulação.

—E' vergonhoso, para uma terra que quer ter foros de adelantada, ver nas quintas-feiras a malta de pedintes que abalroam as casas de familias á tirar missas pedidas!

—Mas repugnante é ver nos sabbados em fileiras pobres aos quatro e cinco á pegarem no pau um do outro e um na frente guiando-os em direcção ao palacio do arcebispo.

—E quantos fingidos cegos não irão ahi!

—Não ha quem se importe com a decencia publica!

Causa asco a maneira deshonesta por que taes individuos percorrem as ruas.

—Ha um, crioulo idiota, dos que pernoitam no chamado asylo, que é o mais expressivo escarneo ao pudor publico.

Traja camisa e calça de ganga azul, porem de uma maneira, que é o mesmo que si estivesse nú.

De algumas casas ja se lhe tem mandado cobrir as partes do pejo, mas parece que o

maluco tem a mania de *andar a fresca*, por que alguns minutos depois hão de vol-o no mesmo estado.

—Ha tambem uma crecula do nome Lucia, a qual, embora não seja mendicante, o estado de soffrimento em que se acham suas faculdades, obrigam-na a representar scenas iguaes.

As vezes sahe da ladeira da Gameleira em fraldas de camisa e vae até o Areial e Sodré; outras vaga um dia inteiro pelas margens do dique núa em pello, com um carrego, ou uma bacia de roupa á cabeça; outras vae para o Gravata, despe-se, mette a roupa na lama, depois estende-a e permanece todo santo dia naquelle estado!

No domingo passava pelo Sodré o Sr. mandante de policia, em occasião em que a desgraçada cobrindo as carnes apenas com um trapo de saia, era tenazmente perseguida por uma malta de moleques.

S. S. parou, observou e seguiu seu caminho.

—E não ha quem se peje de tão hediondo painel.

—E' um jogo de empurra.

Passa o policia e vae adiante por que aquillo não é do serviço; o agente secreto, segue seu caminho por que vae a uma deligencia urgente; o inspector de quarteirão ignora si tal cousa é de sua attribuição, até que chega o estrangeiro e pasma ante tanta relaxação.

—Dizem que esta cidade vae muito adiantada e eu não vejo.

—Desconjuro!

Só si é progresso de caranguejo.

—O que eu vejo é a camara municipal que tem obrigação de promover o aformoseamento da capital reduzindo-a a *feira de aldeia*.

—Ja V. quer sahir-se com uma das suas.

—Para ganhar meia duzia de vintens consente que, no Terreiro, uma das primeiras praças, se armem extravagantes e ridiculas barracas de esteiras e pedaços de panno, cousa que não é mais para este tempo.

—Homem, V. diz a verdade.

Eu não sei mesmo como a camara concorda com aquillo.

—Concorda por que recebe dinheiro; embora fique patente o atrazo em que vamos.

—Que dê licença para armar botequins no campo dos Afflictos ou no largo do Bomfim, é natural; mas que por quatro mil reis permita que no meio da praça, se arvorem sorridas bodegas de trapos, para vender cahaca e garapa, e cujos donos, depois que acaba a festa, nem si quer tapam os buracos,

que fizeram na rua, é querer mesmo equiparal-a as condições de miseravel aldeia.

—Será serio, capitão?

—De que trata?

—Que a camara municipal quer matar o povo asphyxiado.

—Ora va elle.

—V. Ex. diz isso por que não mora no Bom Gosto da Calçada.

—E si morasse, o que tinha?

—Havia de passar seus transes.

—Diga o porque?

—Porque a camara mandou despejar pó de carvão de pedra sobre toda rua para com elle fazer o atterro da mesma.

—Com effeito a lembrança faz recordar saudades do Murta Patatiba.

—Como as obras da camara principiam e não acabam, ficou o pó do carvão de pedra a suffocar os moradores, principalmente quando venta.

—Deve ser um flagello.

—Deita-se a mesa e os pratos ficam cobertos de poeira, os trastes estragam-se por mais saccudidelas que se lhes dê, e os pobres filhos de Christo são obrigados a tragar pelos gorgomilhos tão hygienico preservativo da saude.

—Soffram; mais soffreu Deus por nosso amor.

—O melhor é que, dizem os bocorios, a camara com tão salutar *beneficio* que fez ao povo, não gastou para menos de 1:000 rs.

—Os larapios andam quente!

—Que quer? tempo de festa!

—Apanharam que o Dr. Americo de Souza Marques, morador á rua da Poeira, tinha ido com sua familia para o Bomfim, arrombaram a porta dos fundos da casa e levaram tudo quanto encontraram.

—Dizem que carregaram até uma casaca que um irmão do Dr. Americo tinha feito para a sustentação de these.

—E' verdade; mas os ladrões tiraram-lhe do gosto de vestil-a.

—O koccado não é para quem o faz.

E o que faz a policia a isto?

—Dorme o somno da indolencia.

Na segunda feira, lá esteve o Dr. delegado e procedeu a corpo de delicto no arrombamento.

—Quando se deu o facto?

—No domingo á noite.

—E é assim violado o asylo do cidadão pelos ratoneiros!

Em que terra estamos!

—Na portaria dos franciscanos deitaram uma creança morta, no domingo.

—E estes remetteram-na para a subdelegacia.

—Aquelles filhos do paço da pobreza entendem que com isso tem descarregado suas consciências e cumprido a obra de misericórdia—*dar sepultura aos mortos.*

—Si uma pobre mulher foi deitar seu filho fora, é porque não teve meios para sepultal-o.

—Não concordo; isto denota deshumanidade, embrutecimento d'alma.

—Mas o que fazer uma misera mulher sem-cira nem beira?

—Tem a charidade publica; recorra a authoridade policial, ao parochó de sua freguezia.

—Tudo isso dito é bem bonito, realisalo é que é a cousa.

—Seja como for; a constante repetição desses factos denota a depravação de costumes, a falta de religião, a ignorancia do povo.

—Capitão, V. Ex. foi a estrada de ferro no domingo?

—Fui.

—Então não soube de uma catastrophe que houve por cá.

—Em que parte?

—Na ladeira da Praça.

—Como se deu?

—Um escravo do casal do finado Dr. Joaquim Botelho, na occasião em que era castigado por sua senhora, atirou-se da janella abaixo, em estado quasi de nudez, e partiu um braço.

—Coitado!

Triste sorte é a do escravo.

—As philarmonicas Euterpe, Campesina, Terpsycore, Rossini e Orphesina, realisaram o passeio annuciado a Periperi, pela via-ferrea, em beneficio da sociedade Libertadora Sete de Setembro?

—O passeio, foi muito concorrido?

—Nem era de esperar outra cousa, em vista do fim para que é destinado o seu producto.

—Gostei de ver a boa ordem com que se portaram as philarmonicas.

—Houveram bebedeiras!

—E muita jogatina!

—E' verdade; não havia um canto onde não se encontrasse jogo.

—E vieram muitos sujeitos com as algibeiras abanando.

—Deixemos isso de parte e cumprimentemos as pessoas que ainda uma vez concorrem

com o seu obulo, para a sacrosanta causa da liberdade!

—No domingo á noite, ouviram-se gritos d'aqui-del-rei, da loja n.º 33 em S. Miguel.

—O que seria?

—Era Manuel de tal, que pedia soccorro, affim de se livrar das garras de João Gregorio, que, segundo disse o inspector de quartelão, queria matal-o com uma thesoura.

—E porque?

—João Gregorio jantou bem junto com Manuel, e depois de um encommodo samba que fizeram, foram jogar.

Ora, tendo Manuel ganho o dinheiro de Gregorio, este entendeu tomal-o, e como elle não quizesse entregar, queria matal-o.

O subdelegado sabendo do facto dirigiu-se a mencionada loja e conseguiu prender Manuel, sendo pegalo horas depois Gregorio que metteu-se em um sobrado que se está reedificando junto da referida loja.

—Foram effeitos da cachaca e das cartas.

—E que se podia hoje lastimar uma desgraça.

—E' verdade!

A policia deve tomar medidas energicas sobre o jogo.

—Mas, por fallarmos em jogo, abriu-se uma nova casa deste divertimento, na ladeira da Gameleira, onde se joga até de manha. Dizem que ha noites em que reina n'esse foco destruidor das algibeiras da humanidade barulho e confusão, pelo que chamarei a attenção do Sr. Dr. chefe de policia, em quem confio muito, para esta casa de ladroeira.

—Capitão, com a devida venia.

—Ha alguma novidade?

—Um caso que presenciei no sabbado depois de meia noite.

—Exponha.

—Na esquina da botica do Rodrigues conversavam os Srs. Pimentel e Amazonas com uma mulhrrer de nome Umbellina, moradora ahi.

Appareceu um marinheiro estrangeiro e pretendeu abraçal-a: os rapazes procuraram impedil-o e o bruto sem mais *satisfas* puxou um revolver e apontou sobre elles.

Eu que estava de parte toquei apito o quo fel-o talvez mudar de resolução.

—E vieram soldados para prendel-o?

—Nem pitada.

—Conheceu a que nação pertencia o marujo?

—Não pude.

Vi apenas que fallava o portuguez si bem que bastante cerrado.

—E' de baldo que se clama todos os dias

sobre os marinheiros estrangeiros andarem armados em terra; ninguém se importa.

—É quando quizerem tomar sentido hade ser tarde e a más horas.

—O que lhe digo é que va algum marinheiro daqui para a Europa e não ande direito como uma linha para ver o que lhe resulta.

À PEDIDO

—Desaquartellou o batalhão de artilharia.

—É mais velho que azeite e vinagre.

—Passou revista de mostra no domingo.

—Tambem é sabido.

—O commandante faltou.

—Prova evidente de que não ponde ir.

—Mas dizem que foi ao passeio de Piripiri.

—Signal que quiz divertir-se.

—Alto lá; nem tanto nem tão pouco.

Primeiro a obrigação; depois a devoção.

Por falta mais justificavel o Fortunato foi ao chilindró.

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia que tome debaixo de suas vistas a Francisco Nogueira da Silva, conhecido por *Xição*, o qual em todo mundo quer fazer e acontecer; dirigindo a muitas pessoas ameaças e insultos.

É preciso que esse fanfarrão conheça que ha uma lei que regula o procedimento de todos e autoridades que a executam austera e imparcialmente.

O muxingueiro do *Alabama* participa a certo estrangeiro que mora no largo sem piedade, que não continue a deixar certos bocorios conversar em suas janellas, sob pena de contar-se o que se tem presenciado com o Sr. Gabriel e mais alguns.

Um visinko moralizado.

—Como estão aquelles officiaes!

—Estão todos na *graça de Deus*.

—Irral que dubadoura!

O major na direita e o capitão da esquerda é quem dá a voz!

—São dous a mandar.

—É o moço do *pimpilio* com o capitão. *Fa* batendo bocca como duas regateiras.

—Guardião fora, frades agora; o maioral foi passeiar, os rapazes soltaram as mangas.

—Parece que aquella gente vae em *procissão* solemne cortejar a intemperança.

—Elevam o peso de uma carga de *artilharia* na cabeça.

Vejam que patifaria na travessa da Laranjeira,

Uma certa gomadeira por seu amante ter *constancia* e querer se fazer *santo*, pois é muito pontual, deixou-lhe por despedida seu primoroso retrato; a mercenaria logo que elle dou as costas foi com o retrato para a janella fazer galhofa com as vizinhas.

Muxingueiro, quando for ao correio do norte, veja se encontra de um que diz ser academico correspondencia para a sua amazia Felismina, a qual por ser relaxada diz isso ser.

Arre! bem feito! para ella tomar brio.

—Capitão, ainda escapou-me uma cousa.

—Dise.

—A S... branco foi a Periperi, lá esteve a derreter-se com quantos via, assim mesmo com aquelles olhos ensapueados—e o pateta do marido a dissimular todas essas cousas; aquillo tambem é uma miseria capitão, uma cousa nojenta.

—Calate, que és muito fallador e isso ponde algum prejuizo traser-te.

—Não é tanto assim, capitão; quando se falla a verdade não ha que temer: não está muito fora de nossa memoria o celebre caso de uma noite em que elle tomou uma bofetada do seu f... por estar fora de horas conversando com ella.

—Oh! isto è muito.

Não faz mal, está pagando o que tem feito,

—Honorio hontem andou fazendo o diabo.

—Foi o chefe de policia quem mandou.

—Para que ha de ser maldizente?

—Então não foi elle quem deu licença para o rapaz *arejar*?

—Mas não para beber e *pintar*.

A culpa foi dos guardas que o acompanharam por serem *condescendentes*.

—Mais condescendente me parece S. Ex. o Sr. Dr. Assis porque lembra-se de seus agentes na adversidade.

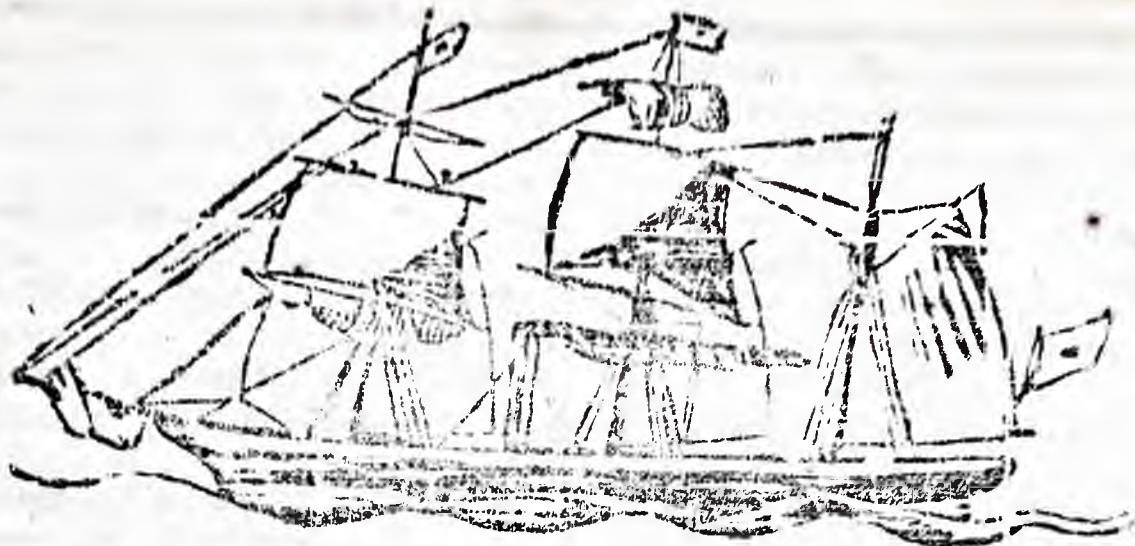
DECLARAÇÃO

Em consequencia de ter adoecido o respectivo postilhão, foi retardada a entrega do *Alabama* de sabbado nas freguezias de Santa Anna e S. Pedro.

ANNUNCIOS

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 39

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

27 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 581.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
26 de novembro de 1869.

Officio-ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o facto de ter sido chibatado na terça-feira um soldado de policia, por um official, dentro do proprio quartel.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o seguinte artigo publicado no *Diario* de 19 do corrente:

«Em agosto do corrente anno, e no vapor que percorre mensalmente os portos do sul desta provincia, embarcou-se para Cannavieiras uma senhora bastante moça, para quem se tirou passaporte com o nome madado. Esta fraude que por si só constitue um crime, foi ainda aggravada pelas circumstancias seguintes:—aquella infeliz pertencia a uma familia respeitavel a quem o author de todo este drama occultou seu pensamento e seus intentos, e remettendo-a para ali com falso nome inteiramente desacompanhada, ficou munido com uma licença, em razão da qual recebia da thesouraria provincial certos vencimentos que pertenciam a mesma infeliz, que morreu na villa de Cannavieiras ha muito mais de um mez. O author de todo este enredo sinistro é, entretanto, bem moço ainda! é estudante de medicina que acabou de prestar exame do 5º anno e chama-se João Gualberto

Ferreira Santos Reis. Sr. Dr. chefe de policia procura-se com toda a confiança o desagravo por meio da justiça e pede-se vingança de tão execrando facto.—*A Sombra de D. Carolina.*»

Como semelhante denuncia importa grave accusação, espera-se que S. S. não deixará de fazer averiguar todas as circumstancias deste drama. O individuo se acha na cidade e preciso se torna que S. S. dê toda a actividade a este negocio afim de que a innocencia ou o crime fique patente para desagravo da justiça publica.

Portaria ao fiscal da Sé, lembrando-lhe a execução da postura n.º 34, que é infringida pela moradora do sobrado n.º 1, Atraz da Sé, a qual traz constantemente sobre os para-rapeitos das janellas immensitades de quartinhas e maringos. Cumpra.

—Sob o titulo a *mulher morta no convento do Desterro*, o *Jornal*, por mandado da policia, publica uma carta do Sr. Dr. José de Goes, medico do convento, contestando esse facto.

—E addiciona mais o interrogatorio feito a Maria Iguez, a supposta *mulher morta*.

—Está tudo muito em ordem.

Mas o Sr. chefe de policia tenha um pouco de paciencia.

Como a nossa policia é alguma coisa mais minuciosa e atilada que a de S. S., talvez que ainda, e breve, lhe contemos o negocio pelo miudo.

Por agora fique apenas registrado a sin-

gularidade com que uma mulher, habitante de uma casa e portanto sabendo todos os recantos della, se precipita de uma janella, em dia claro, julgando sair pela porta!

— Isto cheira a arranjo.

« Diz se que o governo geral teve communição de S. A. o Sr. conde d'Eu, enviada do Paraguay, onde se acha, de que — do arsenal de guerra se haviam desencaminhado mil armas importantes, (espingardas) e que poderia dellas ter noticia o governo fazendo alguma diligencia á rua da Saude em uma casa de numero que fôra indicada!

« Consta-nos mais que se verificando por parte do governo a diligencia, as armas foram encontradas!

« Poderá o governo imperial mandar declarar pelo seu *Diario Official*, si este facto é tão inexacto como declarou ser o do — *empréstimo ao governo d'Assumpção?*

« Nós aguardamos as declarações do governo, que nos parecem necessarias.»

— Esta terra é uma miscellanea de podri-queiras.

— As ruas nadam em porcaria.

— Os lugares destinados ao commercio de generos alimenticios servem tambem de deposito de immundice e despejo de esterquillinos.

— Sirva de exemplo os açougues de S. Bento.

— A praia da Preguiça, que serve de principal mercado do peixe, serve igualmente para despejo do accio da cidade.

Os carroceiros da limpeza, vão ali despejar seus carros repletos de animaes mortos, e materias putridas.

Não é tão hygienico isso n'um logar onde a população inteira vae supprir-se de um dos principaes generos de alimentação?

— E julga V. que è este, o unico mal?

Nos dias de sexta e sabbado muitas vidas correm perigo.

Os beccos são estretilissimos; a immensidade de carroças que vão e vem abalroam-se e o povo é estropeado a cada passo.

— Hontem o Sr. José Antonio Gomes da Cruz, com venda a rua da Lorangeira; quasi é esmagado por uma carroça. Para livrar-se, teve de ir de encontro ao cepo em que uma ganhadeira cortava peixe, em tão mal occasião que o sangue dos mesmos lavou-lhe a cara, roupas e tudo.

— Assim mesmo foi melhor vir para casa emporealhado, do que carregado por causa de um sinistro mais deploravel.

— O melhor é cada um caprichar mais no

cumprimento do seus deveres e quem tem obrigação procurar remover o mal.

— O presidente de Goyaz classificando os generos de lavoura que deviam pagar impostos, especificou os seguintes em um regulamento.

« Art. 110 são generos de lavoura e como taes sujeitos ao imposto:

« Assucar.

« Raspadura.

« Farinha de milho

« Dita de mandioca

« Arroz

« Feijão.

« Gallinhas

« Porcos em pé.

« Carne de porco fresca ou salgada.

« Queijos.

« Manteiga.

« Requeijão.

« & & &.

— Então ja não me admira de ouvir outra dia um capadocio dizer que dos liquidos o que mais gostava era o inhame.

— E eu quando li, lembrei-me de um sargento que fazendo a nomenclatura da companhia por abecedario, perguntou « ha abi mais alguém da letra — J — ? » ao que um soldado respondeu: « eu Sr., que me chamo *Laurencio.* »

— Capitão, V. Ex. largou de mão as irmans de charidade?

— Estou a espera de apontamentos.

— Então quero fornecer-lhe um.

— Venha.

— Na enfermaria de S. Fernando, um doente tendo adormecido, succedeu que por um movimento, a camisola em que estava enfiado se suspendesse um pouco e elle ficasse descomposto.

Atravessando uma charidosa pela enfermaria, ao ver o homem descoberto estacou; chamou outro doente e mandou que compuzesse a seu companheiro.

— Fez o que devia.

— Ninguem dirá o contrario?

Porem estar dormindo e descobrir-se, constitue criminalidade.

— De certo que não.

— Pois o pobre do homem, ficou naquella dia sem jantar por castigo por ter sido a causa da pudibunda mulher olhar para uma causa tão estranha para ella.

— Charidade de Satanaz.

— O pobre foi aceremente accusado pela indulgente mulher.

« Esse homem não está bem comportado. esse homem é terrivel, esse homem não pratica

cousa boa, dizia ella sem nunca apontar o grande crime que elle commettera.

— Ah, refinada hypocrita!

No quarteirão de Broda, em Paris, talvez não fosses tão escrupulosa.

— Esta noite houve um rapto.

— Em que lugar?

— No becco do Açougueiro.

Manuel dos Anjos, musico de batalhão, raptou a menor Veridiana, filha de Helena de tal.

— Ultimamente o *Jornal da Bahia* tem noticiado diversos factos de roubos e attentados á segurança de propriedade.

— E tambem vem sempre recheiado de annuncijs a respeito.

— Ainda hontem trouxe o caso de um arrombamento na rua das Princezas.

— Prova encontestavel do desenfreiamento dos ladrões.

— Mas o que a folha official tem se esquecido de publicar são as cautellas que tem tomado a policia para reprimir a audacia dos larapios.

— Apareceu um esqueleto humano em matos da freguezia de Brotas.

— Mas pelo *exame* a que se procedeu reconheceu se ser de *gente preta*, o que faz *presumir* ser de uma crioula de maior idade douda, a qual entranhando-se no matto. . . .

— Que providencia policial!

Pois aos doudos se deixa obrar livremente?

— Deixe acabar meu recado.

Suppõe se que a mulher entrando no matto succumbiu de um ataque ou mordedura de cobra.

— E em supposições e presumpções arranjou-se o negocio.

— Que pode não ser nada e tambem ser muita cousa.

— Si em caso de tal gravidade, a cousa é explicada com tanta facilidade, eu sou de opinião que a acção policial é de todo desnecessaria nesta parte do globo.

Á PEDIDO

— Capitão, quero dar meu pedacinho.

— Diga o assumpto.

— Sobre o tal corpo insubordinado.

— Procure cousa nova; caldo refervido não agrada.

— E' favor, capitão.

— Pois diga lá.

— Um pataqueiro de nome *Agiprio* pintou

a manta; o commandante mandou prendel-o e elle desobedeceu; puchou a baioneta e resistiu; ninguem se atreveu a por lhe a mão.

— Os maos exemplos dão estes fructos.

— Um guarda, *Augusto pequeno*, esbafeteou o cabo da ultima companhia; foi expulso por emproado.

O capitão *Manesinho* ficou muito agastado com o *Sr. Mano* por que remetteu Miguel, a menina de seus olhos, a flor do seu *ajuntamento*.

O *Affonsinho* protesta que retira-se, por que na sua opinião foi uma desfeita que sofreu.

O Lyseu é mula de medico; faz como rato, morde e assopra.

O maioral está estomagado com a gente de bordo.

— Historias, rapaz; o homem sabe discriminar as cousas e sabe o mal d'onde lhe vae.

— Mas entende que é falta imperdoavel aceitar piquetas em relação a sua alta individualidade.

— Ah, então tenha paciencia.

— Capitão, venho fazer-lhe um pedido.

— Si estiver ao meu alcance conte comigo.

— E' o seguinte: tendo um pobre, porém honesto artista, de nome Paulo, carpinteiro, ajustado de empreitada umas portas com o mestre de uma das obras do *Sr. Lardeça*, ao *Garcia*, cujo mestre quando vê o *mar em baque* põe se a rezar a *S. Marcos*, depois da obra feita não quiz o dito pagar.

— Bradá ao ceu não pagar o jornal a quem trabalho.

— Demais a mais, o tal mestre anda ganhando-se de que finda a obra do *Sr. Lardeça*, terá dinheiro para comer um anno sem trabalhar, a custa do suor do pobre Paulo e de outros artistas que o mesmo tem pregado logro.

— Porém em que quer que lhe sirva?

— Que recomende este negocio ao *Sr. Lardeça* não so para elle saber as qualidades de seu esperto mestre, como tambem ver si por seu intermedio obriga-o a satisfazer ao pobre Paulo, uma vez que as mencionadas portas foram para sua obra.

— A *S.*: branco é incansavel nas suas proezas.

— Como assim?

— Tem reduzido os maridos até a espancarem suas mulheres; não faz muito tempo que o cunhado do *Mano Espinha* deu um desses espectaculos.

— Oh! Sr., isso tambem é muito! mas deixe estar que hei de fazel-a rabiar e hei de por em pratos limpos todo esse negocio e tambem da parentella, como seja a M... com o graciososo, a Sim sim com o Ferreiro, a E... com o pipia-céga, a L... com Possi et reliqua.

— V. tem ido a sala de dança ao Cruzeiro de S. Francisco?

— Não.

— Pois quero lhe contar um caso que se deu na sociedade do Clemente mestre sala, dos namoros que tenho apreciado; o namoro do Ne-nen.

— Quem lhe disse isto foi Xico, o sobrinho do Carvalho, que por intermedio da pilota, pode obter este passa-tempo; porem a Custodia promettea-mê acabar com esse namoro escandaloso.

— Bem faz o Felississimo que não é destas cousas, só cuida em vender sua louça, e as 6 horas da tarde ir para a rua do Bispo, porem é por que o amo pode contar ao Trimitivo.

Sr. redactor.— Publicando o *Alabama* uma noticia de que tres officiaes de justiça foram a cidade baixa e por meios cavillosos procuraram extorquir dinheiro de uma mulber, sem que lhes declarasse os nomes, vem recabar a pecha, na devida de quaes seriam, sobre a classe inteira, e por isso lhes peço que para resalvar o credito dos mais se sirva de publicar que os officiaes que assim praticaram foram Leopoldino, Guabiraba e outro.

Sou etc.

Um official de justiça.

— Será serio, capitão? que anda por aqui pelo Bomfim, a passeiar um empregado sem licença?

— Não creio Sr. Vicentinho!

— Pois quando for pelas bandas de lá pergunte ao Domingos que dá seus topes o certo disto, si a obteve de seu chefe, ou do governo; até a volta.

O bonecrinho Lopez.

O muxungeiro do *Alabama* pede ao Sr. 105 (contos) não continue a desmoralisar certa familia moradora ao portador sem piedade; tanto mais andando encapotado como a bem pouco foi encontrado, sob pena de provar da ensebada taca para versí assim deixará de ser tollo e impostor, gabando-se do que não possui.

O espião.

— Capitão?

— O que dé de novo?

— Eu não sabia que faltava ver mais uma.

— Qual?

— Os soldados de policia atacando os criminhantes.

— Custa a crer.

— Eu não sei dizer outra cousa.

Na quinta feira, uma familia que fôra a Nossa Senhora das Candeias, chegando aqui ás 10 horas, desembarcou.

Vinham uma senhora, uma menina e duas mulheres de côr, trazendo cada uma das ultimas um balaio da Costa e sobre este uma pequena trouxa.

Na encrusilhada entre o Taboão e Caminho Novo, sahiam na frente dous soldados: um ficou impassivel; o outro tomou os balaios, remexeu-os, revolveu as trouxas, e como nada podesse *abiscoitar*, por se approximar um homem, passou a intearsgar de onde vinham, para onde iam, e onde moravam.

— Entretanto os roubos passam a toda hora na cabeça dos pretos e são vendidos pelas tavernas onde elles vivem socados, tomando *pileques* e recebendo gorgeta.

— E não se vê logo pelo peso e tamanho que uma trouxa pequena não admite *contrabando*, como elles disseram?

— E mesmo pelas pessoas que iam.

O que elles procuravam era outra cousa.

VARIÉDADES

O jornalista deve ser como a lagarta que vive das folhas; mais não deve ser como a lagarta que só produz seda.

O sabio deve ser como a curuja, que passa em vigiliãs suas noites; mas não deve ser curuja que só prediz agouros

ANNUNCIOS

LEILÃO.

Terça-feira 30 do corrente as 11 horas em ponto no escriptorio Monte-Socorro as Portas do Carmo n. 42.

H. de Meirelles fará leilão no dia e horas á cima mareado no escriptorio MONTE SOCCORRO, as Portas do Carmo, n. 42, de diversas joias que garantem cautellas vencidas; sendo admissivel reforma ou resgate das mesmas até o dia do leilão.

CAO PERDIDO.

Perdeu-se no dia 17 do corrente, do Pilar ao Caes Dourado, uma caxorrinha pequena, branca, com os cabellos dos pés e do focinho aparados, responde ao nome de Violetta; quem a tiver achado e quizer restituir, dirija-se ao trapiche Primeiro Andrade aonde será gratificado.